

O Menino Nicolau e os Amigos

Goscinny e Sempé



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

O Menino Nicolau e os Amigos

Goscinnny e Sempé



Ficha Técnica

Título original: Le petit Nicolas et les copains

Título original: O menino Nicolau e os amigos

Autor: Jean-Jacques Sempé e René Goscinny

Tradução: Teresa Meneses

Revisão: Rui Augusto

Capa: Carlos Miranda

ISBN: 9789722060882

Publicações Dom Quixote

Uma editora do Grupo Leya

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

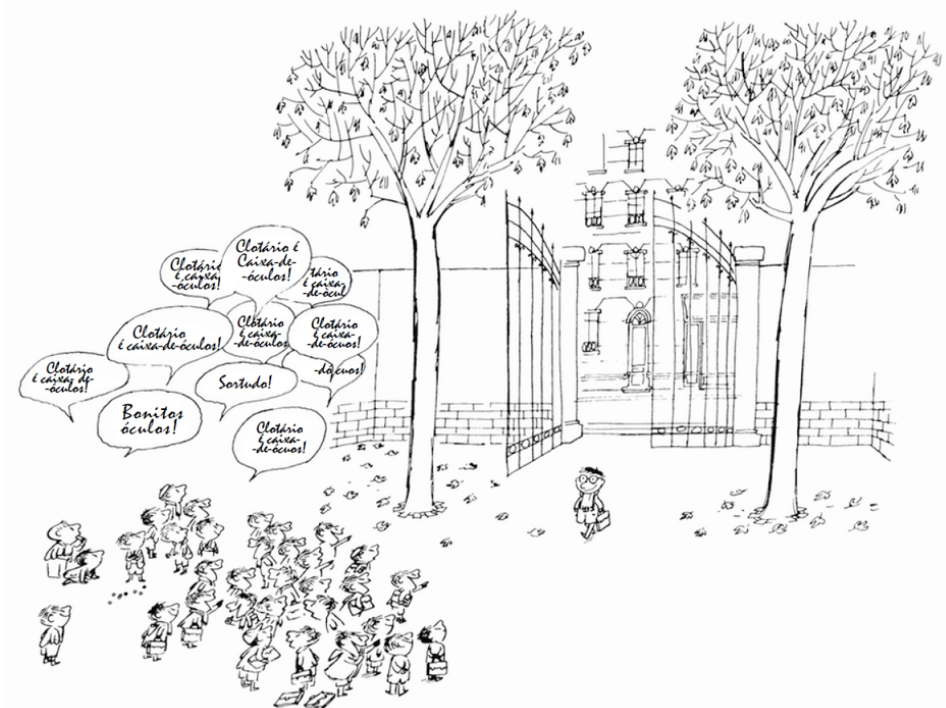
Fax. (+351) 21 427 22 01

© Éditions Denoël

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.dquixote.pt

www.leya.com





O Clotário é caixa-de-óculos

Quando o Clotário chegou à escola, esta manhã, ficámos bestialmente espantados, porque trazia uns óculos no nariz. O Clotário é um amigo fixe, mas é o pior da turma, e parece que foi por isso que lhe puseram óculos.

— Foi o médico — explicou-nos o Clotário — que disse aos meus pais que, se eu era o pior, talvez fosse porque não via bem na aula. Então, levaram-me ao oculista e o senhor dos óculos viu-me os olhos com uma máquina que não faz doer, mandou-me ler um monte de letras que não queriam dizer nada e depois deu-me uns óculos e, agora, já está! Já não vou ser o pior.

A mim espantou-me um bocado essa história dos óculos, pois, se o Clotário não vê na aula, é porque está muitas vezes a dormir, mas talvez os óculos o impeçam de dormir. E depois é verdade que o melhor da aula é o Aniano, e é o único que usa óculos, e é por isso mesmo que não lhe podemos bater tantas vezes quantas gostaríamos.



O Aniano não ficou contente ao ver que o Clotário tinha óculos. O Aniano, que é o menino-bonito da professora, tem sempre medo que um colega seja melhor que ele, e nós ficámos muito contentes por pensar que o melhor, agora, seria o Clotário, que é um colega porreiro.

— Viste os meus óculos? — perguntou o Clotário ao Aniano. — Agora vou ser o melhor a tudo, e será a mim que a professora mandará ir buscar os mapas e apagar o quadro! Trá-lá-lá!

— Não, senhor! Não, senhor! — disse o Aniano. — O melhor sou eu! E depois, para começar, tu não tens o direito de vir para a escola com óculos!

— Queres apostar que tenho, olha, não estou a brincar! — disse o Clotário. — E vais deixar de ser o único estúpido menino-bonito da turma! Trá-lá-lá!

— E eu — disse o Rufus — vou pedir ao meu pai para me comprar uns óculos,

e também serei o melhor!

— Vamos todos pedir aos nossos pais para nos comprarem óculos — gritou o Godofredo. — Seremos todos os melhores e seremos todos meninos-bonitos!

Então, foi terrível, pois o Aniano começou a gritar e a chorar; disse que estávamos a fazer batota, que não tínhamos o direito de ser os primeiros, que se ia queixar, que ninguém gostava dele, que era muito infeliz, que se ia matar, e o Caldo chegou a correr. O Caldo é o nosso vigilante, e um dia conto-vos porque é que lhe chamam assim.

— O que é que se passa aqui? — gritou o Caldo. — Aniano! O que é que lhe aconteceu para estar a chorar assim? Olhe-me bem nos olhos e responda-me!

— Eles querem todos usar óculos! — disse-lhe o Aniano cheio de soluços.

O Caldo olhou para o Aniano, olhou para todos nós, esfregou a boca com a mão, e depois disse-nos:

— Olhem-me todos nos olhos! Não vou tentar compreender as vossas histórias: tudo o que lhes posso dizer é que, se os volto a ouvir, haverá castigos! Aniano, vá beber um copo de água sem respirar; os outros, para bom entendedor, meia palavra basta!

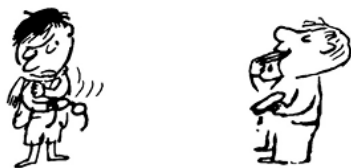
E foi-se embora com o Aniano, que continuava cheio de soluços.

— Olha lá — perguntei eu ao Clotário —, emprestas-nos os teus óculos quando formos chamados?

— Sim, e para as redações! — disse o Maixent.

— Para as redações, vou precisar deles — disse o Clotário —, porque se não for o melhor, o meu pai irá saber que não estava com os óculos e vai haver história, porque ele não gosta que eu empreste as minhas coisas; mas para as chamadas havemos de tratar disso.

De facto, o Clotário é um colega porreiro, e pedi-lhe para me emprestar os óculos para experimentar, e, na verdade, não sei como é que ele, o Clotário, vai fazer para ser o melhor, pois com os óculos dele vê-se tudo de esguelha e, quando se olha para os pés, parece que estão muito perto da cara. E depois passei os óculos ao Godofredo, que os emprestou ao Rufus, que os pôs ao Joaquim, que os deu ao Maixent, que os atirou ao Eudes. que nos pôs todos a rir fingindo que entortava os olhos, e depois o Alceste quis agarrá-los, mas aí houve história.



— Tu não — disse o Clotário. — Tens as mãos cheias de manteiga por causa das fatias de pão e vais sujar os meus óculos, e não vale a pena ter uns óculos se não se puder ver através deles, e dá muito trabalho limpá-los, e o meu pai vai proibir-me de ver televisão se continuar a ser o pior porque um imbecil sujou-me

os óculos com as manámulas cheias de manteiga!

E o Clotário voltou a pôr os óculos, mas o Alceste não estava satisfeito.

— Queres que te dê na cara com as minhas manámulas cheias de manteiga? — perguntou ele ao Clotário.

— Não me podes bater — disse o Clotário. — Tenho óculos. Trá-lá-lá!

— ‘Tá bem — disse o Alceste. Tira os óculos!

— Não, senhor — disse o Clotário.

— Ah! os melhores da turma — disse o Alceste — são todos a mesma coisa!

Uns cobardes!

— Cobarde, eu? — gritou o Clotário.

— Sim, senhor, visto que usas óculos! — gritou o Alceste.

— ‘Tá bem, vamos ver quem é que é cobarde! — gritou o Clotário, tirando os óculos.

Estavam ambos bestialmente furiosos, mas não conseguiram andar à pancada, pois o Caldo chegou a correr.

— O quê, outra vez? — perguntou ele.

— Ele quer que eu use óculos! — gritou o Alceste.

— E, a mim, ele quer pôr manteiga nos meus! — gritou o Clotário.

O Caldo pôs as mãos na cara e esticou as bochechas e, quando ele faz isto, não é altura para brincadeiras.

— Olhem-me bem nos olhos, vocês os dois! — disse o Caldo. — Não faço ideia do que é que inventaram uma vez mais, mas não quero voltar a ouvir falar de óculos. Amanhã, vão-me conjugar o verbo: «Não devo dizer parvoíces durante o recreio, nem semear a desordem, obrigando assim o Sr. Vigilante a intervir». Em todos os tempos do indicativo.

E foi tocar a campainha para entrarmos para a aula.

Na fila, o Clotário disse que, quando o Alceste tivesse as mãos secas, gostaria muito de lhe emprestar os óculos. Na verdade, o Clotário é um colega porreiro.

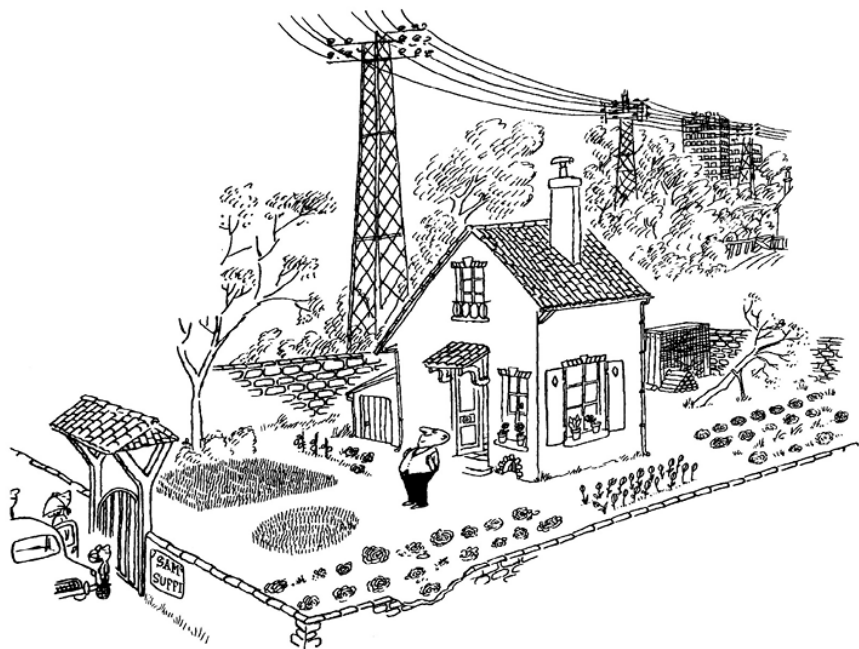
Na aula — era Geografia — o Clotário mandou passar os óculos ao Alceste, que tinha limpado muito bem as mãos ao casaco. O Alceste pôs os óculos e depois não teve sorte, pois não viu a professora que estava mesmo à frente dele.

— Pare de fazer de palhaço, Alceste! — gritou a professora. — E não entorte os olhos! Se apanhar uma corrente de ar, vai ficar assim! Entretanto, saia!



E o Alceste saiu com os óculos, por um pouco não chocou com a porta, e depois a professora chamou o Clotário ao quadro.

E aí, claro, sem os óculos, aquilo não deu resultado nenhum: o Clotário teve zero.





A magnífica lufada de ar

Estamos convidados para passar o domingo na nova casa de campo do Sr. Bongrão. O Sr. Bongrão é contabilista no escritório onde trabalha o meu pai, e parece que ele tem um rapazinho da minha idade, que é muito simpático e que se chama Corentino.

Eu cá fiquei muito contente, porque gosto de ir ao campo, e o meu pai explicou-nos que o Sr. Bongrão tinha comprado essa casa há pouco tempo. E que ele lhe tinha dito que não ficava muito longe da cidade. O Sr. Bongrão tinha dado todos os pormenores ao meu pai pelo telefone, e o meu pai escreveu num papel e parece que é muito fácil lá chegar. É sempre em frente, volta-se à esquerda no primeiro semáforo, passa-se por debaixo da ponte do caminho de ferro, depois continua-se em frente até ao cruzamento, onde se deve voltar à esquerda, e depois outra vez à esquerda até uma grande quinta branca, e depois volta-se à direita por uma estradinha de terra batida, e aí é sempre em frente e à esquerda depois da estação de serviço.

Partimos, eu, o meu pai e a minha mãe, de manhã bem cedo no carro, e o meu pai cantava, e depois parou de cantar por causa de todos os outros que havia na estrada. Não se conseguia avançar. E depois o meu pai perdeu o semáforo onde tinha de voltar, mas disse que não era grave, que voltaria a apanhar o caminho no cruzamento seguinte. Mas, no cruzamento seguinte, andavam a fazer montes de obras e tinham posto um cartaz onde estava escrito: «DESVIO»; e perdemo-nos; e o meu pai gritou com a minha mãe dizendo-lhe que ela lia mal as indicações que estavam no papel; e o meu pai perguntou o caminho a montes de pessoas que não sabiam; e chegámos a casa do Sr. Bongrão quase à hora do almoço, e deixámos de discutir.

O Sr. Bongrão veio receber-nos à porta do jardim.

— Ei-los — disse o Sr. Bongrão. — Já chegaram os cidadãos! Não são capazes de se levantarem cedo, não é?

Então, o meu pai disse-lhe que nos tínhamos perdido, e o Sr. Bongrão ficou com um ar muito espantado.

— Como é que fizeste? — perguntou ele. — É sempre em frente!

E mandou-nos entrar em casa.

É gira a casa do Sr. Bongrão! Não muito grande, mas gira,

— Esperem — disse o Sr. Bongrão — vou chamar a minha mulher — e gritou:

Clara! Clara! Os nossos amigos já chegaram!

E a Sr.^a Bongrão apareceu, tinha os olhos todos vermelhos, tossia, estava com um avental cheio de manchas pretas e disse-nos:

— Não os cumprimento, estou preta do carvão! Desde esta manhã que me esforço para fazer funcionar o fogão, sem o conseguir!

O Sr. Bongrão pôs-se a rir.

— Claro — disse ele —, é um bocado rústico, mas é assim, a vida no campo! Não se pode ter um fogão elétrico como no apartamento.

— E porque não? — perguntou a Sr.^a Bongrão.

— Daqui a vinte anos, quando tiver acabado de pagar a casa, voltaremos a falar nisso — disse o Sr. Bongrão. E pôs-se de novo a rir.

A Sr.^a Bongrão não se riu e foi-se embora dizendo:

— Peço desculpa, tenho de ir tratar do almoço. Acho que ele também vai ficar um bocado rústico.

— E o Corentino — perguntou o meu pai —, não está cá?

— Está, está cá — respondeu o Sr. Bongrão —, mas esse idiotazinho está de castigo no quarto. Não queres saber o que ele fez esta manhã ao levantar-se? De certeza que não és capaz de adivinhar: subiu a uma árvore para apanhar ameixas! Estás a ver isto? Cada uma dessas árvores custou-me uma fortuna, e não é para que o puto se divirta a partir ramos, não achas?



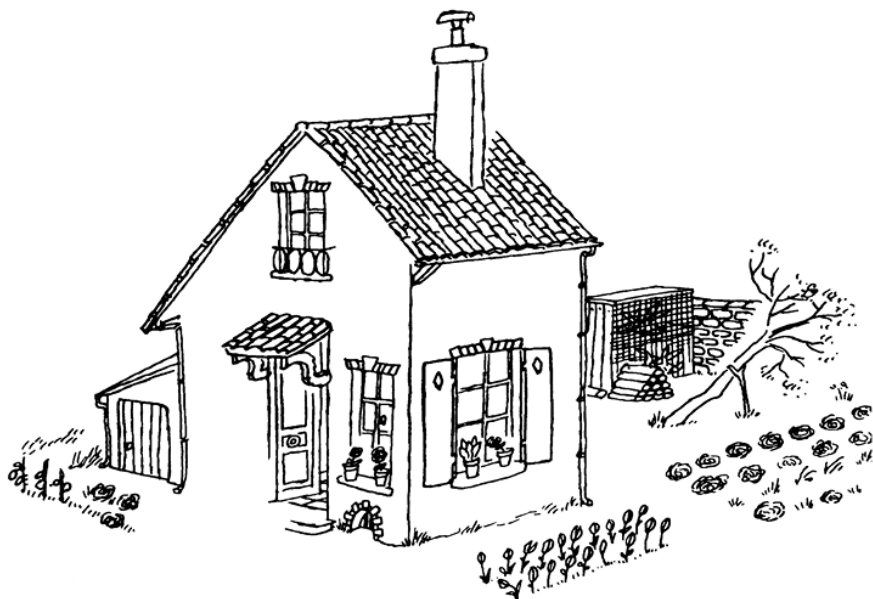
E depois o Sr. Bongrão disse que, dado que eu lá estava, ia levantar o castigo, porque tinha a certeza de que eu era um rapazinho ajuizado que não se divertiria a destruir o jardim e a horta.

O Corentino lá veio, deu bom-dia à minha mãe e ao meu pai e estendeu-me a mão. Tem um ar bastante giro, como os meus amigos lá da escola, é claro, mas é preciso que se diga que os meus amigos lá da escola são muito fixes.

— Vamos brincar para o jardim? — perguntei eu. O Corentino olhou para o pai, e o pai disse-lhe:

— Acho melhor não, meninos. Daqui a pouco vamos comer e não gostaria que trouxessem lama para casa. A tua mãe teve muito trabalho a limpar a casa, esta

manhã.



Então, eu e o Corentino sentámo-nos e, enquanto os grandes tomavam o aperitivo, nós vimos uma revista que eu já tinha visto em casa. E lemos várias vezes a revista, porque a Sr.a Bongrão, que não tomou o aperitivo com os outros, estava com o almoço atrasado. E depois a Sr.^a Bongrão apareceu, tirou o avental e disse:

— Tanto pior... Para a mesa!

O Sr. Bongrão estava todo orgulhoso por causa do prato de entrada, porque explicou-nos que os tomates vinham da sua horta, e o meu pai riu-se e disse que tinham vindo cedo demais, os tomates, porque ainda estavam completamente verdes. O Sr. Bongrão respondeu que talvez, de facto, ainda não estivessem completamente maduros, mas que tinham um gosto diferente dos que se encontram no mercado. Eu cá, do que gostei muito, foi das sardinhas.

E depois a Sr.a Bongrão trouxe o assado, que estava engraçado, porque por fora estava todo preto, mas por dentro era como se não estivesse nada cozido.

— Eu não quero — disse o Corentino. — Não gosto de carne crua!

O Sr. Bongrão arregalou-lhe os olhos e disse-lhe que acabasse os tomates depressa e que comesse a carne como toda a gente, se não queria ser castigado.

O que não estava lá muito bom eram as batatas do assado; estavam um bocado duras.

Depois do almoço, sentámo-nos na sala de estar. O Corentino voltou a pegar na revista e a Sr.^a Bongrão explicou à minha mãe que tinha uma criada na cidade, mas que a criada não queria vir trabalhar para o campo ao domingo.

O Sr. Bongrão explicava ao meu pai quanto é que lhe tinha custado aquilo, a casa, e que tinha feito um negócio formidável. A mim, nada daquilo interessava, então perguntei ao Corentino se não poderíamos ir brincar lá para fora onde havia

sol. O Corentino olhou para o pai, e o Sr. Bongrão disse:

— Mas claro, meninos. Só lhes peço que não brinquem nos relvados, mas sim nos passeios. Divirtam-se e tenham juízo.

Eu e o Corentino saímos, e o Corentino disse-me que íamos jogar à malha. Eu gosto muito da malha e sou ótimo a fazer pontaria. Jogámos no passeio; só havia um e não era muito largo; e tenho de dizer que o Corentino tem boa pontaria.

— Presta atenção — disse-me o Corentino —, se a malha for para o relvado, não a poderemos recuperar!

E depois o Corentino atirou, e trás! a malha falhou e foi para a erva. A janela de casa abriu-se imediatamente e o Sr. Bongrão deitou de fora uma cabeça completamente vermelha e nada contente:

— Corentino — gritou ele. — Já te disse várias vezes para prestares atenção e não estragares esse relvado! Há semanas que o jardineiro aí anda a trabalhar! Assim que estás no campo, tornas-te insuportável! Vá! Para o teu quarto até à noite!

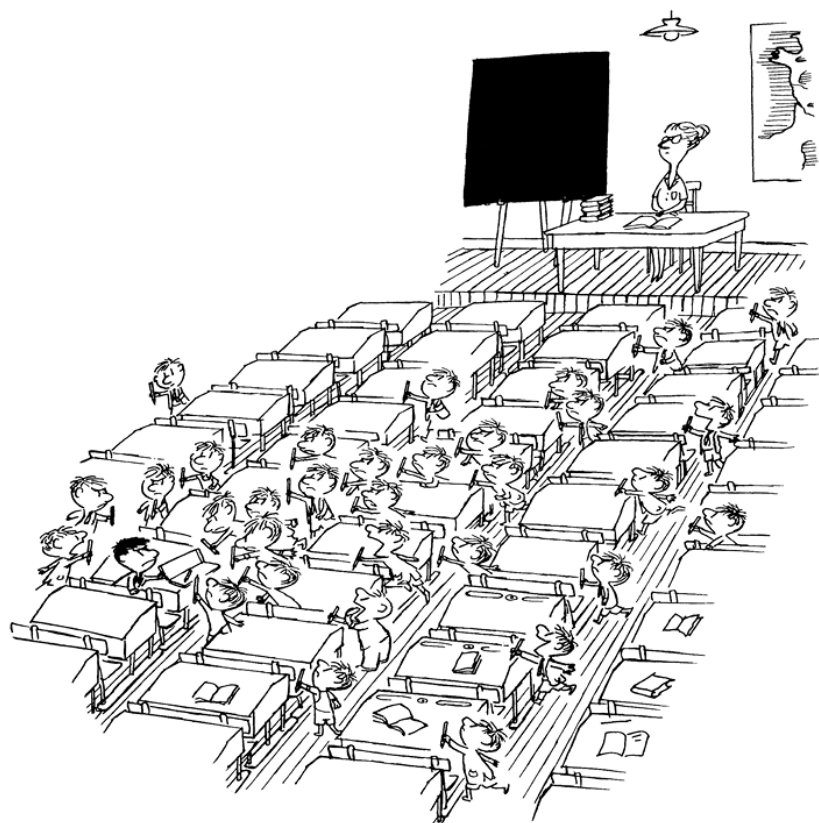
O Corentino começou a chorar e foi-se embora; então, eu voltei para casa.

Mas não ficámos muito tempo, porque o meu pai disse que preferia partir cedo para evitar os engarrafamentos. O Sr. Bongrão disse que era sensato, de facto, e que também eles não iriam demorar a regressar, assim que a Sr.^a Bongrão tivesse acabado de arrumar.

O Sr. e a Sr.^a Bongrão acompanharam-nos até ao carro; o meu pai e a minha mãe disseram-lhes que tinham passado um dia que não esqueceriam, e precisamente quando o meu pai ia arrancar, o Sr. Bongrão aproximou-se da janela para lhe dizer:

— Porque é que não compras uma casa no campo, como eu? — disse o Sr. Bongrão. — É claro que, pessoalmente, eu bem poderia passar sem ela; mas não se deve ser egoísta, meu caro! Para a mulher e para o puto, nem podes saber o bem que isto lhes faz, esta descontração e esta lufada de ar, todos os domingos!







Os lápis de cor

Esta manhã, antes de eu partir para a escola, o carteiro trouxe uma encomenda para mim, um presente da avozinha. É porreiro, o carteiro!

O meu pai, que estava a tomar o seu café com leite, disse:

— Ai, ai, catástrofes em perspectiva! — e à minha mãe não agradou nada que o meu pai tivesse dito aquilo, e pôs-se a gritar que todas as vezes que a mãe dela, a minha avó, fazia alguma coisa, o meu pai tinha sempre de criticar, e o meu pai disse que queria tomar o seu café com leite sossegado, e a minha mãe disse que, oh! claro, ela só servia para preparar o café com leite e arrumar a casa, e o meu pai disse que nunca tinha dito isso, mas que não era demasiado querer um pouco de paz em casa, ele que trabalhava duramente para que a minha mãe tivesse com que preparar o café com leite. E enquanto o meu pai e a minha mãe falavam, eu cá abri a encomenda, e era incrível: era uma caixa de lápis de cor! Eu estava de tal maneira contente que comecei a correr, a saltar e a dançar na sala de jantar com a minha caixa, e caíram os lápis todos.



— Isto começa bem! — disse o meu pai.

— Não compreendo a tua atitude — disse a minha mãe. — E depois, para começar, não vejo quais são as catástrofes que podem provocar estes lápis de cor! Não, na verdade, não vejo!

— Vais ver — disse o meu pai

E foi-se embora para o escritório.

A minha mãe disse-me para apanhar os lápis de cor, porque ia chegar atrasado

à escola. Então, apressei-me a voltar a pôr os lápis na caixa e perguntei à minha mãe se os podia levar para a escola. A minha mãe disse que sim, e disse-me que tivesse cuidado para não haver histórias com os meus lápis de cor. Prometi, meti a caixa na pasta e fui-me embora. Não compreendo a minha mãe e o meu pai; sempre que recebo um presente, têm a certeza de que vou fazer disparates.

Cheguei à escola precisamente quando a campanha estava a tocar para a entrada para a aula. Eu estava muito orgulhoso com a minha caixa de lápis de cor e estava impaciente por mostrá-la aos meus colegas. É verdade, na escola, é sempre o Godofredo quem traz coisas que lhe compra o pai, que é muito rico, e por isso eu estava muito contente por lhe mostrar, ao Godofredo, que não era só ele que tinha presentes giro, é verdade, então, afinal, isso é que era bom.



Na aula, a professora chamou o Clotário ao quadro e, enquanto ela o interrogava, mostrei a minha caixa ao Alceste, que está sentado ao meu lado.

— Não tem graça nenhuma — disse-me o Alceste.

— Foi a minha avó que mos mandou — expliquei eu.

— O que é isso? — perguntou o Joaquim.

E o Alceste passou a caixa ao Joaquim, que a passou ao Maixent, que a passou ao Eudes, que a passou ao Rufus, que a passou ao Godofredo, que ficou com uma grande cachola.

Mas como estavam todos a abrir a caixa e a tirar os lápis para os verem e para os experimentarem, eu tive medo que a professora os visse e comesse a confiscar os lápis. Então, pus-me a fazer sinais ao Godofredo para que me devolvesse a caixa, e a professora gritou:

— Nicolau! O que é que lhe aconteceu para se estar a mexer tanto e a fazer palhaçadas?

Ela meteu-me medo à brava, a professora, e comecei a chorar, e expliquei-lhe que tinha uma caixa de lápis de cor que me tinha mandado a minha avó, e que eu queria que os outros ma devolvessem. A professora olhou para mim com os olhos muito abertos, deu um suspiro e disse:

— Está bem. Aquele que tem a caixa do Nicolau tem de lha devolver.

O Godofredo levantou-se e devolveu-me a caixa. E eu olhei lá para dentro, e faltavam montes de lápis.

— O que é que aconteceu desta vez? — perguntou-me a professora.

— Faltam alguns lápis — expliquei-lhe eu.

— Aquele que tem os lápis do Nicolau tem de lhos devolver — disse a professora.

Então, todos os meus colegas se levantaram para me virem trazer os lápis. A professora começou a bater na secretária com a régua e deu-nos castigos a todos; temos de conjugar o verbo: «Não devo aproveitar o pretexto dos lápis de cor para interromper a aula e semear a desordem na sala.» O único que não foi castigado, à exceção do Aniano, que é o menino-bonito da professora e que estava a faltar porque tinha papeira, foi o Clotário, que estava a ser chamado ao quadro.

Ficou sem recreio, como de costume acontece quando é chamado.

Assim que a campainha tocou para o recreio, levei a minha caixa de lápis de cor comigo, para poder falar dela com os meus colegas, sem me arriscar a castigos. Mas, no pátio, quando abri a caixa, vi que me faltava o lápis amarelo.



— Falta-me o amarelo! — gritei eu. — Entreguem-me o amarelo!

— Já nos estás a aborrecer com os teus lápis — disse o Godofredo. — Por causa de ti, fomos castigados.

— Se não tivessem feito palhaçadas, nada teria acontecido — disse eu. — O que acontece é que vocês são todos uns invejosos! E, se não encontrar o ladrão, vou-me queixar!

— É o Eudes que tem o amarelo — gritou o Rufus. — Ele está todo vermelho!... Eh! Ouviram, rapazes? Era a brincar: eu disse que o Eudes tinha roubado o amarelo porque ele está todo vermelho!

E puseram-se todos a rir, e eu também, pois aquela era boa, e hei de contá-la ao meu pai. O único que não se riu foi o Eudes, que se aproximou do Rufus e lhe deu um murro no nariz.

— Então, quem é que é o ladrão? — perguntou o Eudes, e deu um murro no nariz do Godofredo.

— Mas eu não disse nada! — gritou o Godofredo, que não gosta de levar murros no nariz, sobretudo quando é o Eudes que os dá. A mim aquilo deu-me vontade de rir, a história do Godofredo levar um murro no nariz quando não estava à espera! E o Godofredo veio a correr até ao pé de mim e deu-me uma palmada à traição, e a minha caixa de lápis de cor caiu e começámos à pancada.

O Caldo — que é o nosso vigilante — chegou a correr, separou-nos, chamou-nos «bando de pequenos selvagens», disse que nem sequer queria saber do que é que se tratava e passou-nos cem linhas a cada um.

— Eu cá não tenho nada a ver com isso — disse o Alceste. — Eu estava a comer o meu pão.



— Eu também não — disse o Joaquim. — Eu estava a pedir ao Alceste para me dar um bocado.

— Bem podes ficar à espera! — disse o Alceste.

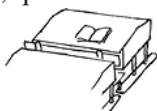
Então, o Joaquim deu uma bofetada no Alceste, e o Caldo passou-lhes duzentas linhas a cada um.

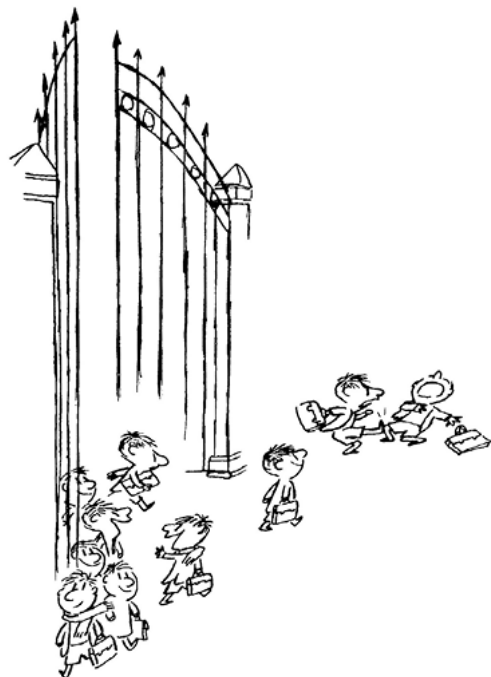
Quando voltei para casa para almoçar, não estava mesmo nada contente; a minha caixa de lápis de cor estava desfeita, havia lápis partidos e continuava a faltar o amarelo. E comecei a chorar na sala de jantar, ao explicar à minha mãe a história dos castigos. E depois o meu pai entrou e disse:

— Afinal, vejo que não me tinha enganado, houve sarilhos com esses lápis de cor!

— Não é preciso exagerar — disse a minha mãe.

E depois ouviu-se um grande barulho: era o meu pai que acabava de cair ao pôr o pé em cima do meu lápis amarelo, que estava à frente da porta da sala de jantar.







Os campistas

— **E**h, rapazes! — disse-nos o Joaquim ao sair da escola. — E se fôssemos acampar amanhã?

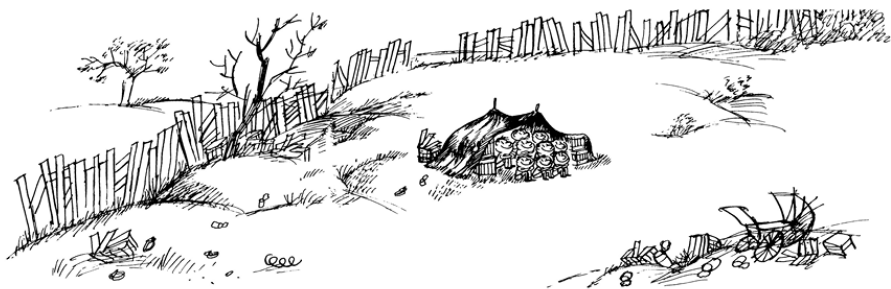
— Acampar? Isso é o quê? — perguntou o Clotário, que nos dá sempre vontade de rir, pois nunca sabe nada de nada.

— Acampar? É muito giro — explicou-lhe o Joaquim. — Fui no domingo passado com os meus pais e dois amigos deles. Vai-se de carro, muito longe para o campo, e depois pomo-nos num belo sítio perto de uma ribeira, montamos as tendas, acendemos o lume para a cozinha, tomamos banho, pescamos, dormimos debaixo da tenda, há mosquitos, e quando começa a chover vamo-nos embora a correr.

— Em minha casa — disse o Maixent — não me deixam ir fazer palhaçadas, sozinho, lá muito longe para o campo. Sobretudo se houver uma ribeira.

— Mas não é nada disso — disse o Joaquim. — Vamos fazer de conta! Vamos acampar no descampado.

— E a tenda? Tu tens uma tenda? — perguntou o Eudes.



— Claro! — respondeu o Joaquim. — Então, estão de acordo?

E, na quinta-feira, lá estávamos todos no descampado. Não sei se lhes disse que no bairro, muito perto de minha casa, há um descampado incrível, onde há caixotes, papéis, pedras, latas velhas, gatos assanhados e sobretudo um velho carro que já não tem rodas, mas que mesmo assim é bestialmente giro.

Foi o Joaquim quem chegou por último com um cobertor dobrado debaixo do braço.

— E a tenda? — perguntou o Eudes.

— Então, está aqui — respondeu o Joaquim mostrando-nos o cobertor, que estava velho e com montes de buracos e de manchas por toda a parte.

— Isso não é uma tenda a sério! — disse o Rufus.

— Não estás a pensar que o meu pai me fosse emprestar a tenda dele novinha, não? — disse o Joaquim. — Com o cobertor, vamos fazer de conta

E depois o Joaquim disse-nos que tínhamos de subir todos para o carro, porque, para acampar, é preciso ir de carro.

— Isso não é verdade! — disse o Godofredo. — Eu tenho um primo que é escuteiro, e ele vai sempre a pé!

— Se quiseses ir a pé, vai tu — disse o Joaquim. — Nós vamos de carro e vamos chegar muito antes de ti.

— E quem é que vai conduzir? — perguntou o Godofredo.

— Claro que sou eu — respondeu o Joaquim.

— E porquê, diz-me lá? — perguntou o Godofredo.

— Porque fui eu quem teve a ideia de ir acampar, e também porque a tenda fui eu quem a trouxe — disse o Joaquim.

O Godofredo não estava lá muito satisfeito, mas como tínhamos pressa de chegar para acamparmos, dissemos-lhe para não arranjar histórias.

Então, entrámos todos no carro, pusemos a tenda no tejadilho e depois fizemos todos «brum, brum», à exceção do Joaquim, que conduzia e gritava:

— Cuidado, avozinho! Então, avança, meu nabo! Assassino! Viram como é que o ultrapassei, aquele, com o seu carro de desporto?

O Joaquim, quando for grande vai ser um condutor muito fixe! E depois disse-nos:

— Este sítio parece-me bonito. Vamos parar.

Então, deixámos todos de fazer «brum» e saímos do carro, e o Joaquim olhou à sua volta, contente como tudo.

— Muito bem. Tragam a tenda, a ribeira fica muito perto.

— Onde é que estás a ver uma ribeira? — perguntou o Rufus.

— Então, além! — disse o Joaquim. — Fazemos de conta, não é?

E depois trouxeram a tenda e, enquanto a montávamos, o Joaquim disse ao Godofredo e ao Clotário para irem buscar água à ribeira e depois para fazerem de conta que acendiam o lume para fazer o almoço.



Não foi fácil montar a tenda, mas pusemos os caixotes uns em cima dos outros e pusemos o cobertor por cima. Estava muito giro.

— O almoço está pronto! — gritou o Godofredo. Então todos fizemos de conta que comíamos, exceto o Alces-te, que comia de verdade, porque tinha trazido pão com doce de casa.

— Muito bom este frango! — disse o Joaquim, fazendo «nham, nham».

— Passas-me um bocado do teu pão? — pediu o Maixent ao Alceste.

— Não serás parvo? — respondeu o Alceste. — Será que te estou a pedir frango, eu?

Mas como o Alceste é um bom compincha, fez de conta que dava uma das fatias de pão ao Maixent.

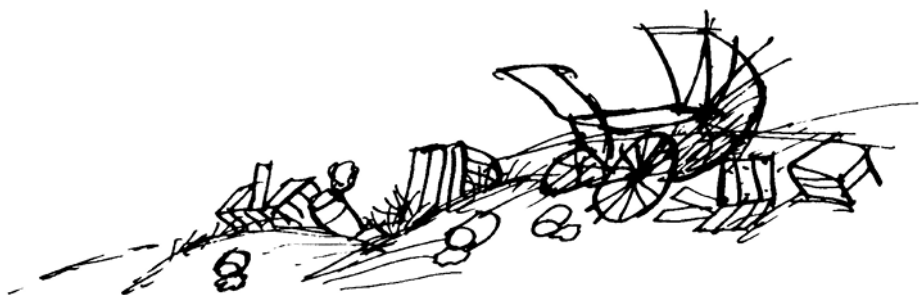
— Bem, agora temos de apagar o lume — disse o Joaquim — e de enterrar todos os papéis sujos e as latas de conserva.

— ‘Tás doente — disse o Rufus. — Se tivéssemos de enterrar todos os papéis sujos e todas as latas de conserva do descampado, ainda cá estaríamos no domingo!

— Mas que parvo que tu és! — disse o Joaquim. — Fazemos de conta! Agora, vamos todos para debaixo da tenda para dormir.

E, nessa altura, era giro como tudo, debaixo da tenda; estávamos bestialmente apertados e estava calor, mas divertíamo-nos muito. Não dormimos de verdade, claro, porque não tínhamos sono, e depois porque não havia espaço. Estávamos ali debaixo do cobertor há um bocado, quando o Alceste disse:

— E agora, o que é que vamos fazer?



— Ora, nada — disse o Joaquim. — Os que quiserem podem dormir, os outros podem ir tomar banho à ribeira. Quando se acampa, cada um faz o que quer. É isso que é giro.

— Se eu tivesse trazido as minhas penas — disse o Eudes —, podíamos brincar aos índios, por baixo da tenda.

— Aos índios? — disse o Joaquim. — Onde é que tu já viste índios a acampar, palerma?

— Eu é que sou palerma? — perguntou o Eudes.

— O Eudes tem razão — disse o Rufus. — Aborrecemo-nos debaixo da tenda!

— Isso mesmo, tu é que és palerma — disse o Joaquim, e fez mal, porque com o Eudes não se deve brincar; ele é muito forte, e trás! Deu um murro no nariz do Joaquim, que se zangou e começou à bulha com o Eudes. Como não havia muito espaço debaixo da tenda, todos apanhávamos estalos, e depois os caixotes caíram e foi difícil sair de debaixo do cobertor; era bestialmente divertido. O Joaquim não estava contente e espezinhava o cobertor gritando:

— Já que é assim, saiam todos da minha tenda! Vou acampar sozinho!

— Zangaste-te de verdade, ou estás a fazer de conta? — perguntou o Rufus.

Então, rimo-nos todos, e o Rufus ria connosco e perguntava:

— O que é que eu disse de engraçado, rapazes? Hein? O que é que eu disse de engraçado?

E depois o Alceste disse que se fazia tarde e que tínhamos de voltar para casa para jantar.

— Sim — disse o Joaquim. — Aliás, está a chover! Rápido! Rápido! Apanhem as coisas todas e vamos para o carro!

Foi muito giro acampar, e todos nós voltamos para casa cansados mas contentes. Ainda que os nossos pais e as nossas mães nos tenham ralhado por termos chegado tão tarde.

E não é justo, pois, afinal, não foi culpa nossa termos apanhado um engarrafamento terrível no regresso!







Falámos na rádio

Esta manhã, na aula, a professora disse-nos:

— Meninos, tenho uma grande novidade para lhes anunciar: no âmbito de um grande inquérito levado a cabo junto das crianças das escolas, alguns repórteres da rádio vêm entrevistá-los.

Nós não dissemos nada, porque não compreendemos, exceto o Aniano; mas ele não admira, pois é o menino-bonito da professora e o melhor da turma. Então a professora explicou-nos que uns senhores da rádio viriam fazer-nos perguntas, que estavam a fazer isso em todas as escolas da cidade, e que hoje era a nossa vez.

— E conto convosco para se portarem bem e para falarem de uma forma inteligente — disse a professora.

A nós, enervou-nos como tudo saber que se ia falar na rádio, e a professora teve de bater com a régua na secretária várias vezes para poder continuar a dar-nos lições de gramática.

E depois a porta da sala abriu-se, e o diretor entrou com dois senhores, um deles trazia uma mala.



— De pé! — disse a professora.

— Sentados! — disse o diretor. — Meninos, é uma grande honra para a nossa escola receber a visita da rádio, que, através da magia das ondas, e graças ao génio de Marconi, transmitirá as vossas palavras em milhares de lares. Tenho a certeza

de que serão sensíveis a esta honra e de que serão tomados por um sentimento de responsabilidade. Além disso, estou a preveni-los, os brincalhões serão castigados! Este senhor aqui vai explicar-lhes o que espera de vós.

Então, um dos senhores disse-nos que nos ia fazer perguntas sobre as coisas que nós gostávamos de fazer, sobre o que líamos e sobre o que aprendíamos na escola. E depois agarrou num aparelho e disse:

— Isto é um microfone. Vocês falarão lá para dentro, muito claramente, sem terem medo; e esta noite, às oito horas exatas, podem ouvir-se, pois tudo isto será gravado.

E depois o senhor virou-se para o outro senhor que tinha aberto a mala em cima da secretária da professora, e na mala havia uns aparelhos, e que tinha posto nos ouvidos umas coisas para ouvir. Como os pilotos num filme que eu vi; mas o rádio não funcionava, e como estava tudo cheio de nevoeiro, eles já não conseguiam encontrar a cidade para onde tinham de ir, e caíam na água, e era de facto um filme muito giro.

O primeiro senhor disse ao que tinha as coisas nos ouvidos:

— Pode-se começar, Pedrito?

— Pode — disse o Sr. Pedrito. — Faz-me uma experiência de voz.

— Um, dois, três, quatro, cinco; está? — perguntou o outro senhor.

— Começou, Kiki — respondeu o Sr. Pedrito.

— Bem — disse o Sr. Kiki —, então, quem é que quer falar primeiro?

— Eu! Eu! Eu! — gritámos todos.

O Sr. Kiki começou a rir-se e disse:

— Estou a ver que temos muitos candidatos; então, vou pedir à professora que me indique um de vocês.

E a professora, é claro, disse que se devia interrogar o Aniano, porque era o melhor da turma. É sempre a mesma coisa com este menino-bonito, é verdade, pois, olhem que esta!

O Aniano dirigiu-se ao Sr. Kiki, e o Sr. Kiki pôs-lhe o microfone em frente da cara, e ela estava completamente branca, a cara do Aniano.

— Bem, pequeno, queres dizer-me o teu nome? — perguntou o Sr. Kiki.

O Aniano abriu a boca e não disse nada. Então, o Sr. Kiki disse:

— Chamas-te Aniano, não é?

O Aniano fez que sim com a cabeça.

— Parece — disse o Sr. Kiki — que é o melhor da turma. O que gostaríamos de saber é o que é que fazes para te distraíres, os teus jogos preferidos. Vamos, responde! Não deves ter medo, então!

Então, o Aniano começou a chorar, e professora teve de sair a correr com ele.

O Sr. Kiki limpou a testa, olhou para o Sr. Pedrito, e depois perguntou-nos:

— Será que um de vocês não tem medo de falar diante do microfone?

— Eu! Eu! Eu! — gritámos todos.

— Está bem — disse o Sr. Kiki. — O gordito, tu aí, vem cá. É isto... Então, começamos... Como é que te chamas, rapaz?

— Alceste — disse o Alceste.

— Alceste? — perguntou o Sr. Kiki muito espantado.



— Querem fazer-me o favor de não falarem com a boca cheia? — disse o diretor.

— Bem — disse o Alceste —, eu estava a comer um *croissant* quando ele me chamou.

— Um croi.. A comer na aula? — gritou o diretor. — Está bem, perfeito! Vá para o castigo. Arrumaremos esta questão mais tarde; e deixe o seu *croissant* em cima da mesa!

Então, o Alceste deu um grande suspiro, deixou o *croissant* em cima da secretária da professora e foi para o castigo, onde começou a comer o pãozinho de leite que tirou do bolso das calças, enquanto o Sr. Kiki limpava o microfone à manga.



— Desculpe-os — disse o diretor — são muito jovens e um bocado distraídos.

— Oh! Nós estamos habituados — disse o Sr. Kiki a rir. — No nosso último inquérito, entrevistámos os estivadores grevistas. Não é verdade, Pedrito?

— Foi nos bons tempos — disse o Sr. Pedrito. E depois o Sr. Kiki chamou o Eudes.

— Como é que te chamas, meu rapaz? — perguntou ele. — Eudes! — gritou o Eudes, e o Sr. Pedrito tirou as coisas que tinha nos ouvidos.

— Não é preciso falar tão alto —, disse o Sr. Kiki. — Foi por isso que inventaram a rádio; para se fazer ouvir muito longe sem gritar. Vá, vamos

recomeçar... Como é que te chamas, meu rapaz?

— Bem, Eudes, já lhe disse — respondeu o Eudes.

— Mas não — disse o Sr. Kiki. — Não me debes dizer que já mo disseste. Pergunto-te o nome, tu dizes-me, e é tudo. Pronto? Pedrito?... Vamos, vamos recomeçar... Como é que te chamas, meu rapaz?

— Eudes — disse o Eudes.

— Já toda a gente sabe — disse o Godofredo.

— Rua Godofredo! — disse o diretor.

— Silêncio! — gritou o Sr. Kiki

— Eh! Previne-me quando gritares! — disse o Sr. Pedrito, que tirou as coisas que tinha nos ouvidos. O Sr. Kiki pôs a mão nos olhos, esperou um bocadinho, tirou a mão e perguntou ao Eudes o que é que ele gostava de fazer para se distrair.

— Sou ótimo no futebol — disse o Eudes. — Bato-os a todos.

— Isso não é verdade — disse eu. — Ontem eras guarda-redes, e quantos apanhaste?

— Sim! — disse o Clotário.

— O Rufus tinha apitado fora de jogo! — disse o Eudes.

— Claro — disse o Maixent —, ele estava a jogar na tua equipa. Eu sempre disse que um jogador não podia ser ao mesmo tempo árbitro, mesmo que seja ele quem tem o apito.

— Queres um murro no nariz? — perguntou o Eudes, e o diretor pô-lo sem recreio na quinta-feira.

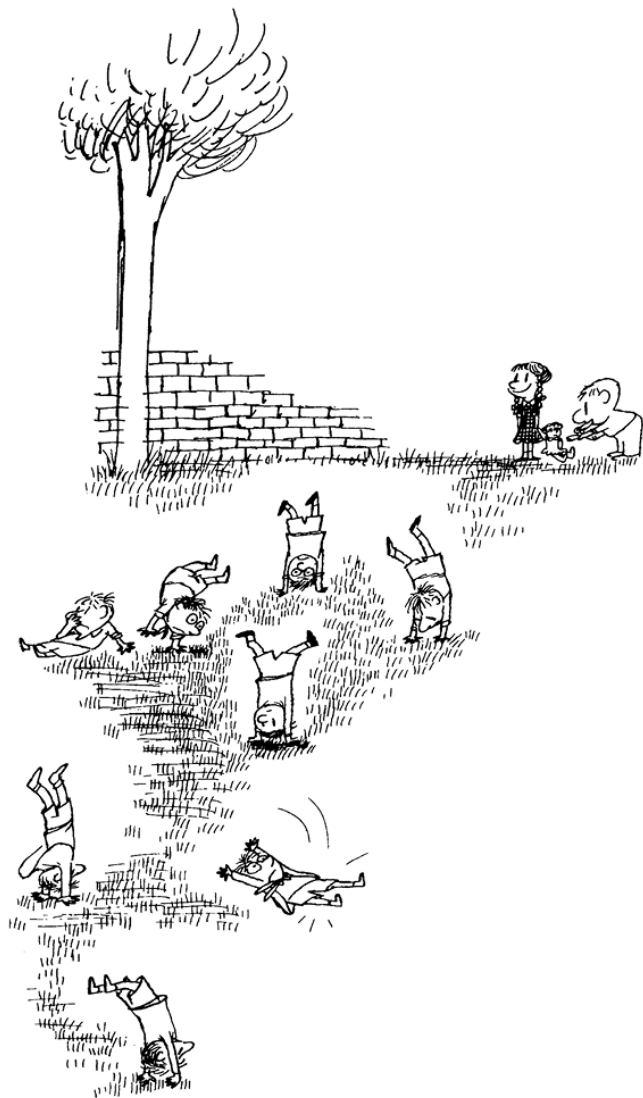
Então, o Sr. Kiki disse que tinha ficado gravado, o Sr. Pedrito voltou a pôr tudo na mala, e foram-se os dois embora.

Às oito horas, esta noite, em minha casa, para além do meu pai e da minha mãe, estavam o Sr. e a Sr.^a Bledurt; o Sr. e a Sr.^a Curta-placa, que são nossos vizinhos; o Sr. Barlier, que trabalha no mesmo escritório que o meu pai; estava também o tio Eugénio, e estávamos todos à volta do rádio para me ouvir falar. A avó tinha sido prevenida demasiado tarde e não tinha podido vir, mas estava a ouvir o rádio em casa dela, com uns amigos. O meu pai estava todo orgulhoso, e passava-me a mão pelos cabelos, fazendo: «Hein, hein!» Estava toda a gente muito contente!

Mas não sei o que é que se passou na rádio: às oito horas, só houve música.

Isso deu-me bastante pena, sobretudo por causa do Sr. Kiki e do Sr. Pedrito. Devem ter ficado bestialmente dececionados!







Maria Edviges

A minha mãe autorizou-me a convidar uns colegas da escola a virem lanchar cá a casa, e também convidei a Maria Edviges. A Maria Edviges tem os cabelos amarelos, olhos azuis, e é filha do Sr. e da Sr.^a Curtoplaca, que vivem na casa ao lado da nossa.

Quando os meus amigos chegaram, o Alceste foi imediatamente à sala de jantar, para ver o que é que havia para lanchar e, quando voltou, perguntou:

— Ainda falta chegar alguém? Contei as cadeiras, e há uma fatia de bolo a mais.

Então, eu disse que tinha convidado a Maria Edviges, e expliquei-lhes que era a filha do Sr. e da Sr.^a Curtoplaca, que vivem na casa ao lado da nossa.

— Mas é uma rapariga! — disse o Godofredo.

— E qual é o problema? — respondi-lhe eu.

— Nós cá não brincamos com raparigas — disse o Clotário. — Se ela vier, não falamos com ela e não brincamos com ela; ora esta... e, não estou a brincar.

— Em minha casa, convido quem eu quiser — disse eu —, e se isso não te agradar, posso dar-te um estalo.

Mas não tive tempo para a história do estalo, porque tocaram à porta e chegou a Maria Edviges.

A Maria Edviges tinha um vestido feito do mesmo tecido que os cortinados duplos da sala de estar, mas em verde-escuro, com uma gola branca cheia de buraquinhos à volta.

A Maria Edviges estava muito gira; mas o que era chato é que ela tinha trazido uma boneca.

— Então, Nicolau — disse-me a minha mãe —, não apresentas a tua amiguinha aos teus colegas?

— Este é o Eudes — disse eu — e depois é o Rufus, o Clotário e o Godofredo e depois o Alceste.

— E a minha boneca — disse a Maria Edviges — chama-se Chantal; o vestido dela é de seda crua.

Como ninguém dizia nada, a minha mãe disse-nos que podíamos ir para a mesa, que o lanche estava pronto.

A Maria Edviges estava sentada entre mim e o Alceste. A minha mãe serviu-nos chocolate e as fatias de bolo; era muito bom, mas ninguém fazia barulho, parecia que estávamos na aula, quando o inspetor lá vai. E depois a Maria Edviges virou-se para o Alceste e disse-lhe:

— Comes tão depressa! Nunca vi ninguém comer tão depressa como tu! É formidável!

E depois pestanejou muito depressa, várias vezes.

O Alceste não pestanejou mesmo nada; olhou para a Maria Edviges, engoliu um grande bocado de bolo que tinha na boca, ficou todo vermelho e depois fez um sorriso parvo.

— Baah! — disse o Godofredo. — Eu sou capaz de comer tão depressa como ele, e ainda mais depressa se quiser!

— Estás a brincar — disse o Alceste.

— Oh! — disse a Maria Edviges. — Mais depressa do que o Alceste? Só vendo.

E o Alceste fez de novo o seu sorriso parvo. Então o Godofredo disse:

— Vais ver!

E começou a comer o bolo a toda a velocidade. O Alceste já não podia participar na corrida, pois tinha acabado a sua fatia de bolo, mas os outros atiraram-se.

— Ganhei! — gritou o Eudes, mandando migalhas para todo o lado.

— Isso não vale — disse o Rufus. — Quase já não tinhas bolo no prato.

— Ora essa! — disse o Eudes. — Estava cheio!

— Não me faças rir — disse o Clotário. — Era eu que tinha o pedaço maior, portanto quem ganhou fui eu!

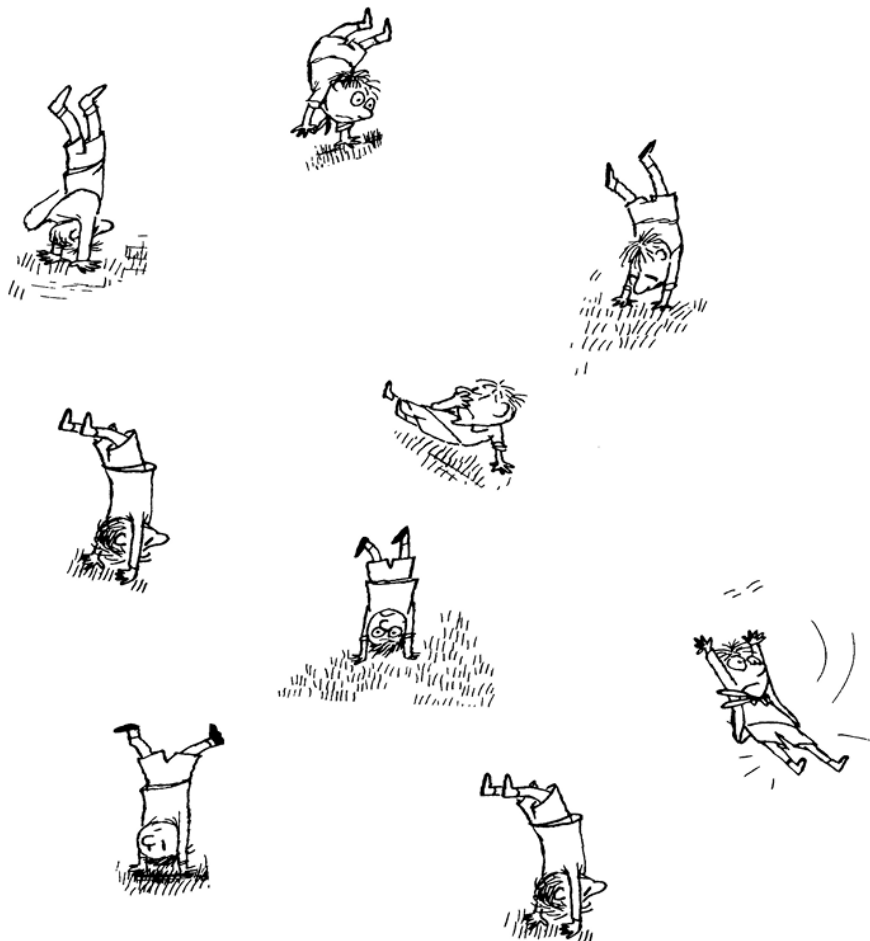
Bem me apetecia, novamente, dar-lhe um estalo, a esse batoteiro do Clotário; mas a minha mãe entrou e olhou para a mesa com os olhos muito abertos:



— O quê! — perguntou ela. — Já acabaram o bolo?

— Eu ainda não — respondeu a Maria Edviges, que come aos bocadinhos, e aquilo leva muito tempo, porque, antes de os meter na boca, oferece os bocadinhos de bolo à boneca; mas a boneca, claro, não os come.

— Bem — disse a minha mãe —, quando acabarem, podem ir brincar para o jardim; está bom tempo.



E foi-se embora.

— Tens a bola de futebol? — perguntou-me o Clotário.

— Boa ideia! — disse o Rufus. — Porque, para engolir pedaços de bolo, vocês talvez sejam melhores do que eu; mas no futebol é outra loiça. Aí, agarro na bola e finto toda a gente!

— Não me faças rir — disse o Godofredo.

— Quem é ótimo nas cambalhotas é o Nicolau — disse a Maria Edvigés.

— Nas cambalhotas! — disse o Eudes. — Eu sou o melhor nas cambalhotas. Há anos que dou cambalhotas.

— Tens um deslante — disse eu. — Sabes bem que nas cambalhotas o campeão sou eu!

— Já te agarro! — disse o Eudes.

E fomos para o jardim com a Maria Edvigés, que finalmente tinha acabado o bolo.

No jardim, eu e o Eudes começámos imediatamente a dar cambalhotas. E depois o Godofredo disse que nós não sabíamos, e eu também dei umas

cambalhotas. Quanto ao Rufus, ele não ia lá muito bem, e o Clotário teve de parar muito depressa, pois tinha perdido na erva um berlinde que tinha no bolso. A Maria Edviges aplaudia, e o Alceste, com uma mão, comia o pão de leite que tinha trazido de casa para depois do lanche e com a outra agarrava a Chantal, a boneca da Maria Edviges. O que me espantou foi que o Alceste oferecia bocadinhos do pão de leite à boneca; normalmente, ele nunca oferece nada, nem aos amigos.

O Clotário, que tinha encontrado o berlinde, disse:

— E sabem fazer isto?

E começou a andar com as mãos no chão.

— Oh! — disse a Maria Edviges. — É formidável!

O truque de andar de pernas para o ar é mais difícil do que dar cambalhotas; eu tentei, mas voltava sempre a cair. O Eudes faz aquilo bastante bem e aguentou em cima das mãos mais tempo do que o Clotário. Talvez tenha sido porque o Clotário teve de voltar a pôr-se à procura do berlinde, que mais uma vez lhe tinha caído do bolso.

— Andar de pernas para o ar não serve para nada — disse o Rufus. — O que é útil é saber trepar às árvores.

E o Rufus pôs-se a trepar à árvore; e é preciso que se diga que a nossa árvore não é fácil, pois não tem lá muitos ramos, e os ramos que há estão lá no cimo, perto das folhas.

Então começámos a rir, pois o Rufus agarrava-se à árvore com os pés e as mãos, mas não avançava muito depressa.

— Chega-te para lá, vou-te mostrar — disse o Godofredo.

Mas o Rufus não queria largar a árvore; então, o Godofredo e o Clotário tentaram subir os dois ao mesmo tempo, enquanto o Rufus gritava:

— Olhem para mim! Olhem para mim! Estou a subir!

Foi uma sorte que o meu pai não estivesse lá, pois ele não gosta lá muito que façamos palhaçadas com a árvore do jardim. Eu e o Eudes, como já não havia espaço na árvore, dávamos cambalhotas, e a Maria Edviges contava para ver quem dava mais.

E depois Sr.^a Curtoplaca gritou do seu jardim:

— Maria Edviges! Anda cá! São horas da lição de piano!

Então a Maria Edviges voltou a pegar na boneca que estava nos braços do Alceste, disse-nos adeus com a mão e foi-se embora.

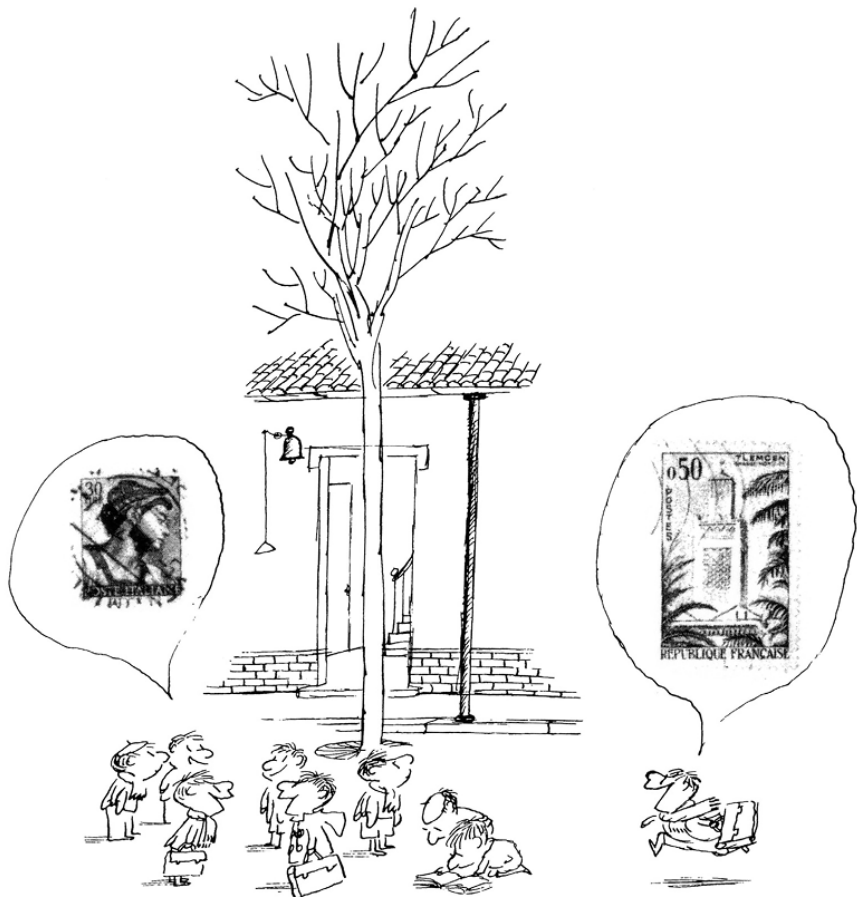
O Rufus, o Clotário e o Godofredo largaram a árvore, o Eudes parou de dar cambalhotas e o Alceste disse:

— Faz-se tarde, vou-me embora. — E foram-se todos embora.

Foi um dia muito giro e divertimo-nos à grande; mas pergunto-me se a Maria Edviges se divertiu.

É verdade, não fomos lá muito simpáticos com ela e brincámos entre nós, como se ela lá não estivesse.







Filatelias

Esta manhã, o Rufus chegou bestialmente contente à escola. Mostrou-nos um caderno novinho, e na sua primeira página, ao cimo e à esquerda, havia um selo colado. Nas outras páginas não havia nada.

— Estou a começar uma coleção de selos — disse-nos o Rufus.

Explicou-nos que tinha sido o pai quem lhe tinha dado a ideia de fazer uma coleção de selos; que isso se chamava filatelia, e depois que era bestialmente útil, porque se aprendia a história e a geografia a ver os selos.

O pai dele também lhe tinha dito que uma coleção de selos podia valer montes e montes de dinheiro, e que tinha havido um rei de Inglaterra que tinha uma coleção que valia dinheiro p'ra burro.

— Era bom — disse-nos o Rufus — que vocês todos fizessem coleção de selos; então poderíamos fazer trocas. O meu pai disse-me que é assim que se consegue fazer coleções incríveis. Mas os selos não devem estar rasgados, sobretudo é preciso que tenham as serrilhas todas.

Quando cheguei a casa para almoçar, pedi imediatamente à minha mãe que me desse uns selos.

— O que vem a ser mais esta invenção? — perguntou a minha mãe. — Vai lavar as mãos e não me aborreças com as tuas ideias despropositadas.

— E para é que queres selos, rapaz? — perguntou-me o meu pai. — Tens cartas para escrever?

— Não é bem isso — disse eu. — É para fazer filatelias, como o Rufus.

— Mas isso é muito bom! — disse o meu pai — A filatelia é uma ocupação muito interessante! Ao fazer uma coleção de selos, aprende-se montes de coisas, sobretudo a história e a geografia. E depois, sabes, uma coleção bem feita pode valer muito dinheiro. Houve um rei de Inglaterra que tinha uma coleção que valia uma verdadeira fortuna!

— Sim — disse eu — Então, com os meus amigos, vamos fazer trocas, e teremos coleções incríveis, com selos cheios de serrilhas.

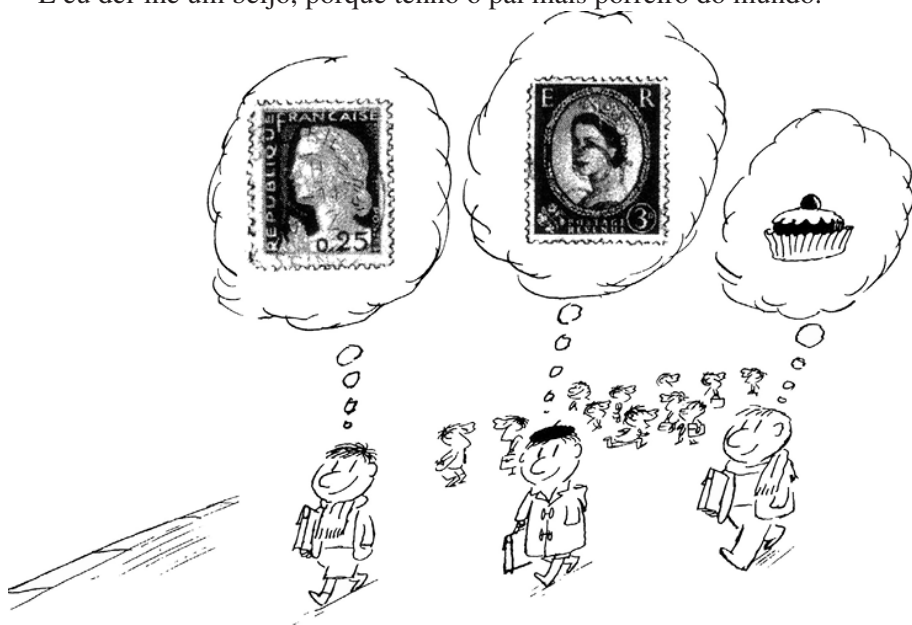
— Claro... — disse o meu pai. — De qualquer forma, prefiro ver-te colecionar selos do que esses brinquedos inúteis, que te atulham os bolsos e a casa toda. Então, agora vais obedecer à tua mãe, vais lavar as mãos, vens para a mesa, e

depois do almoço vou dar-te alguns selos.

E, depois de comer, o meu pai procurou no escritório e encontrou três envelopes, de onde rasgou o canto em que havia os selos.

— Eis-te a caminho de uma coleção formidável! — disse o meu pai a rir.

E eu dei-lhe um beijo, porque tenho o pai mais porreiro do mundo.



Quando cheguei à escola, esta tarde, éramos vários colegas a termos começado coleções; havia o Clotário que tinha um selo, o Godofredo que tinha outro e o Alceste que tinha um, mas todo rasgado, em estado lastimoso, cheio de manteiga e faltavam-lhe montes de serrilhas. Eu cá, com os meus três selos, tinha a coleção mais gira. O Eudes não tinha selos e disse-nos que éramos todos parvos e que aquilo não servia para nada; que ele preferia o futebol.

— Tu é que és parvo — disse o Rufus. — Se o rei de Inglaterra tivesse jogado futebol em vez de fazer coleção de selos, não teria sido rico. Talvez mesmo nem tivesse sido rei.

O Rufus tinha muita razão, mas como a campainha tocou para irmos para a aula, não pudemos continuar a fazer filatelas.

No recreio, pusemo-nos todos a fazer trocas.

— Quem é que quer o meu selo? — perguntou o Alceste.

— Tens um selo que me falta — disse o Rufus ao Clotário. — Troco contigo.

— Está bem — disse o Clotário. — Troco o meu selo por dois selos.

— E porque é que eu te havia de dar dois selos pelo teu selo, vá, diz? — perguntou o Rufus. — Por um selo dou-te um selo.

— Eu cá trocaria de boa vontade o meu selo por um selo — disse o Alceste.

E depois o Caldo aproximou-se de nós. O Caldo é o nosso vigilante e fica desconfiado quando nos vê todos juntos, e como nós estamos sempre todos juntos,

porque somos um grupo de colegas porreiros, o Caldo passa o tempo desconfiado.



— Olhem-me bem nos olhos — disse-nos o Caldo. — O que é que andam a tramar desta vez, raça do diabo?

— Nada — disse o Clotário. — Estamos a fazer filatelas, portanto trocamos selos. Um selo por dois selos, coisas assim, para fazermos coleções porreiras.

— Filatelas? — disse o Caldo. — Mas isso é muito bom! Muito bem! Muito instrutivo, sobretudo no que diz respeito à história e à geografia! E depois, uma boa coleção, isso pode chegar a valer muito dinheiro... Houve um rei, já não sei ao certo de que país, e não me recordo do seu nome, que tinha uma coleção que valia uma fortuna!... Então, façam as vossas trocas, mas portem-se bem.

O Caldo foi-se embora e o Clotário estendeu a mão com o selo lá dentro ao Rufus.

— Então, estás de acordo? — perguntou o Clotário.

— Não — respondeu o Rufus.

— Eu cá estou de acordo — disse o Alceste.

E depois o Eudes aproximou-se do Clotário e, hop!, tirou-lhe o selo.

— Eu cá também vou começar uma coleção! — gritou o Eudes a rir-se.

E pôs-se a correr. O Clotário não se estava a rir, corria atrás do Eudes gritando-lhe para lhe devolver o selo, grande ladrão. Então, o Eudes, sem parar, lambeu o selo e colou-o na testa.

— Eh! Rapazes — gritou o Eudes. — Olhem! Sou uma carta! Sou uma carta de avião!

E o Eudes abriu os braços e começou a correr fazendo «brum, brum», mas o Clotário conseguiu passar-lhe uma rasteira, e o Eudes caiu e começaram numa grande pancadaria, e o Caldo voltou a correr.

— Oh! Eu já sabia que não podia confiar em vocês — disse o Caldo. — São incapazes de se distraírem inteligentemente! Vá, vocês os dois, já para o castigo...

E depois você, Eudes, vai-me fazer o favor de descolar esse ridículo selo que tem na testa!

— Está bem, mas diga-lhe para ter cuidado para não rasgar a serrilha — disse o Rufus. — É um dos que me faltara.

E o Caldo mandou-o para o castigo com o Clotário e o Eudes.

Como colecionadores, já só restava eu, o Alceste e o Godofredo.

— Eh, rapazes! Querem o meu selo? — perguntou o Alceste?

— Troco os teus três selos pelo meu selo — disse-me o Godofredo.

— Não serás um bocado parvo? — perguntei-lhe eu. — Se queres os meus três selos, dá-me três selos, não querem lá ver! Por um selo dou-te um selo.

— Eu cá trocaria de boa vontade o meu selo por um selo — disse o Alceste.

— Mas isso que é que me adianta? — disse-me o Godofredo. — São os mesmos selos!

— Então, não querem o meu selo? — perguntou o Alceste.

— Eu cá estou de acordo em te dar os meus três selos — disse eu ao Godofredo — se mos trocares por qualquer coisa rara.

— De acordo! — disse o Godofredo.

— Está bem, já ninguém quer saber do meu selo, vejam o que vou fazer! — gritou o Alceste e rasgou a coleção.

Quando cheguei a casa, contente como tudo, o meu pai perguntou-me:

— Então, jovem filatelista, isso vai, essa coleção?

— Bestialmente bem — disse-lhe eu.

E mostrei-lhe os dois berlindes que o Godofredo me tinha dado.







Maixent, o mágico

Nós, os compinchas, fomos convidados para lanche em casa do Maixent, e isso espantou-nos, pois o Maixent nunca convida ninguém para casa dele. A mãe não quer, mas ele explicou-nos que o tio, aquele que é marinheiro — eu cá penso que isso é uma patacoada e ele não é nada marinheiro — deu-lhe de presente uma caixa de magia, e fazer magia não tem graça nenhuma se não houver ninguém para ver, e foi por isso que a mãe do Maixent o autorizou a convidar-nos.

Quando cheguei, já lá estavam todos os compinchas, e a mãe do Maixent serviu-nos o lanche: chá com leite e fatias de pão. Nada de especial. E olhávamos todos para o Alceste, que estava a comer dois pãezinhos de chocolate que tinha trazido de casa, e é inútil pedir-lhe um bocado, porque o Alceste, que é um ótimo colega, empresta tudo, desde que não seja de comer.

Depois do lanche, o Maixent mandou-nos entrar para a sala de estar, onde tinha posto umas cadeiras em fila, como em casa do Clotário quando o pai dele fez um fantoche para nós; e o Maixent pôs-se atrás de uma mesa, e em cima da mesa estava a caixa de magia. O Maixent abriu a caixa; estava cheia de coisas lá dentro, e ele agarrou numa varinha e num grande dado.

— Estão a ver este dado — disse o Maixent. — Para além de ser muito grande, é um dado como qualquer outro...

— Não — disse o Godofredo. — É oco e no interior há outro dado.

O Maixent abriu a boca e olhou para o Godofredo.

— O que é que tu sabes disto? — perguntou o Maixent.

— Sei porque tenho a mesma caixa de magia em casa — respondeu o Godofredo. — Foi o meu pai que me deu quando tive doze a ortografia.

— Então há um truque? — perguntou o Rufus.

— Não, senhor, não há truque! — gritou o Maixent. — O que há é que o Godofredo é um grande mentiroso!

— Sim, o teu dado é oco — disse o Godofredo —, e repete lá que eu sou um grande mentiroso e levas um estalo!

Mas não começaram à pancada, porque a mãe do Maixent entrou na sala. Ela olhou para nós, ficou um bocadinho e depois foi-se embora dando um grande suspiro e levando uma jarra que estava em cima do fogão de sala. A mim interessou-me a história do dado oco, então aproximei-me da mesa para ver.

— Não! — gritou o Maixent — Não! Volta para o teu lugar, Nicolau! Não tens

autorização para ver ao pé!

— E porquê, diz-me lá? — perguntei eu.

— Porque há um truque, de certeza — disse o Rufus.

— Claro que sim — disse o Godofredo. — O dado é oco, então, quando o pões em cima da mesa, o dado está lá dentro...

— Se continuares — gritou o Maixent —, voltas para a tua casa!

E a mãe do Maixent entrou na sala e voltou a sair com uma estatueta que estava no piano.

Então, o Maixent deixou os dados e agarrou numa espécie de pequena caçarola.

— Esta caçarola está vazia — disse o Maixent, mostrando-a a todos.

E olhou para o Godofredo, mas o Godofredo estava entretido a explicar a história do dado oco ao Clotário, que não tinha compreendido.

— Já sei — disse o Joaquim —, a caçarola está vazia, e tu vais tirar de lá uma pomba toda branca.

— Se ele conseguir — disse o Rufus —, é porque há um truque.





— Uma pomba? — disse o Maixent. — Claro que não! De onde é que tu queres que eu tire uma pomba, imbecil?

— Eu vi na televisão um mágico, e ele tirava montes de pombas de todo o lado. Imbecil és tu! — respondeu o Joaquim.

— Para começar — disse o Maixent —, mesmo que eu quisesse, não tinha autorização para tirar uma pomba da caçarola; a minha mãe não quer que eu tenha animais em casa; uma vez quando eu trouxe um rato, houve problemas. E diz lá: quem é que é imbecil?

— É pena — disse o Alceste. — São giras, as pombas! Não são muito grandes, mas com ervilhas é ótimo. Parece frango.

— O imbecil és tu — disse o Joaquim ao Maixent. — já sabes quem é que é o imbecil.

E a mãe do Maixent entrou; interrogou-me se ela não estava a escutar atrás da porta, e disse-nos para termos juízo e para termos cuidado com o candeeiro que estava no canto.

Quando se foi embora, a mãe do Maixent estava com um ar bestialmente preocupado...

— A caçarola — perguntou o Clotário — é como o dado, é oca?

— A caçarola toda não — disse o Godofredo. — Só o fundo.

— É um truque, claro — disse o Rufus.

Então, o Maixent zangou-se, disse-nos que não éramos compinchas e fechou a caixa de magia e disse-nos que já não nos faria mais passes de magia. E pôs-se a amuar, e ninguém mais disse nada. Então, a mãe do Maixent entrou a correr.

— O que é que se passa aqui? — gritou ela. — Deixei de vos ouvir.

— São eles — disse o Maixent. — Não me deixam fazer passes!

— Ouçam, meninos — disse a mãe do Maixent. — Eu gostaria que se divertissem, mas têm de se portar bem, senão, voltam para vossa casa. Agora tenho de sair para fazer compras, conto convosco para serem uns homenzinhos com juízo; e tenham cuidado com o relógio que está em cima da cómoda.

E a mãe do Maixent olhou para nós uma vez mais e foi-se embora abanando a cabeça, como se dissesse não, com os olhos no teto.

— Bom — disse o Maixent. — Estão a ver esta bola branca? Pois bem, vou fazê-la desaparecer.

— É um truque? — perguntou o Rufus.

— Sim — disse o Godofredo —, vai escondê-la e metê-la no bolso.

— Não, senhor! — gritou o Maixent. — Não, senhor! Vou fazê-la desaparecer. Isso mesmo!

— Claro que não — disse o Godofredo. — Não a vais fazer desaparecer, pois estou a dizer-te que a vais meter no bolso!

— Então, vais fazer desaparecer, ou não, a bola branca? — perguntou o Eudes.

— Claro que eu poderia fazer desaparecer a bola — disse o Maixent — se eu quisesse; mas não quero, porque vocês não são compinchas, e é isto! E a minha mãe tem razão quando diz que vocês são um bando de vândalos!



— Ah! O que é que eu vos dizia — gritou o Godofredo. — Para fazer desaparecer a bola tinha de ser um verdadeiro mágico, e não um dos rascas!

Então, o Maixent zangou-se e correu para o Godofredo para lhe dar um estalo, e o Godofredo não ficou nada satisfeito, então atirou a caixa de magia para o chão, ficou muito furioso e ele e o Maixent começaram à estalada. Nós ríamo-nos muito, e depois a mãe do Maixent entrou na sala. Ela estava com um ar nada satisfeito.

— Todos para casa! Imediatamente! — disse-nos a mãe do Maixent.

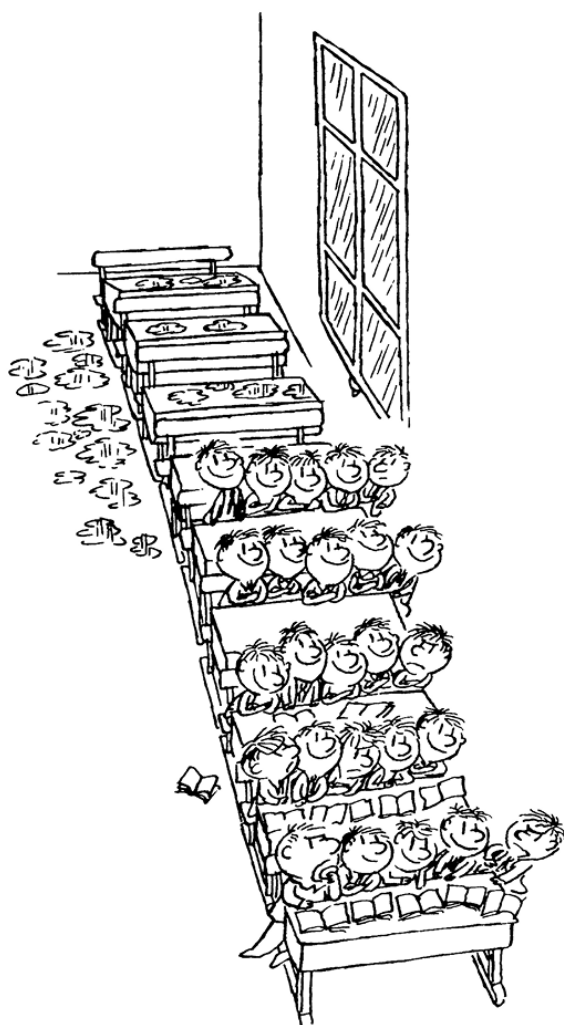
Então, fomo-nos embora, e eu estava bastante dececionado, apesar de termos passado uma tarde gira, porque gostaria muito de ter visto o Maixent fazer os seus passes de magia.

— Bah! — disse o Clotário. — Eu cá acho que o Rufus tem razão; o Maixent

não é como os verdadeiros mágicos da televisão; ele é só truques.

E no dia seguinte, na escola, o Maixent ainda estava zangado connosco, pois parece que, quando apanhou a caixa de magia, viu que a bola branca tinha desaparecido.







A chuva

Eu cá gosto muito da chuva quando é muito, muito forte, porque nessa altura não vamos à escola e fico em casa e brinco com o comboio elétrico. Mas hoje não chovia o suficiente e tive de ir à aula.

Mas, sabem, com a chuva, divertimo-nos na mesma; brincamos a levantar a cabeça e a abrir a boca para engolir as gotas de água, andamos nas poças e chapinhamos dando grandes pontapés para salpicar os colegas, divertimo-nos a passar por debaixo das goteiras, e aquilo faz frio como tudo quando a água entra pelo colarinho da camisa, porque, é claro, não vale passar por baixo das goteiras com o impermeável abotoado até ao pescoço. O que é chato é que à hora do recreio não nos deixam descer para o pátio, para que não nos molhemos.

Na aula, a luz estava acesa e era engraçado, e uma coisa de que eu gosto muito é ver nas janelas as gotas de água que fazem uma corrida para chegarem até lá abaixo. Parecem ribeiras.

Depois a campainha tocou, e a professora disse-nos:

— Bom, é o recreio; podem falar uns com os outros, mas portem-se bem.

Então, começámos todos a falar ao mesmo tempo, e aquilo fazia um barulho giro; era preciso gritar muito alto para nos fazermos ouvir e a professora suspirou, levantou-se e foi-se embora para o corredor, deixando a porta aberta, e começou a falar com as outras professoras, que não são tão fixes como a nossa, e é por isso que tentamos não a fazer zangar demasiado.

— Vamos — disse o Eudes. — Jogamos ao mata?

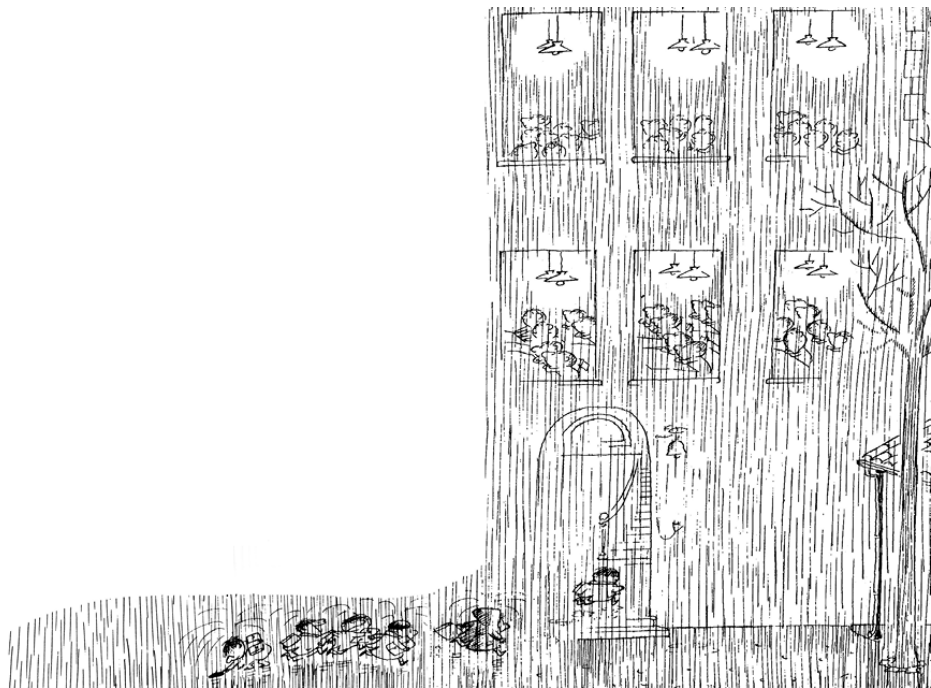
— És parvo, ou quê? — disse o Rufus. — Isso vai arranjar histórias com a professora, depois é certo que vamos partir um vidro!

— Oh! — disse o Joaquim. — Basta abrir as janelas!

Isso era uma ideia bestialmente boa, e fomos todos abrir as janelas, exceto o Aniano, que estava a rever a lição de História lendo-a muito alto, com as mãos nos ouvidos. O Aniano é louco! E depois abrimos a janela; era giro porque o vento soprava para dentro da sala e divertimo-nos a levar com água na cara, e depois ouvimos um grande grito: era a professora que acabava de entrar.

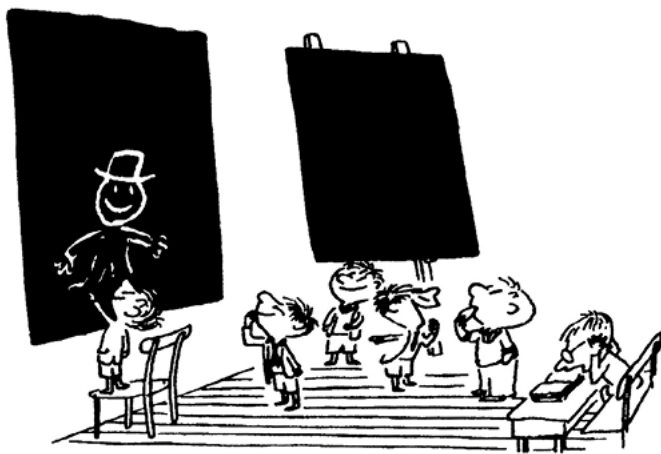
— Mas vocês são loucos! — gritou ela, a professora. — Querem fechar as janelas imediatamente!

— É por causa do mata, minha senhora — explicou o Joaquim.



Então, a professora disse-nos que nem pensar em jogar à bola, obrigou-nos a fechar as janelas e disse-nos que nos sentássemos todos. Mas o que era chato é que os bancos que estavam perto das janelas estavam todos molhados, e a água, ainda que seja giro levar com ela na cara, é chato a gente sentar-se em cima dela. A professora levantou os braços, disse que éramos insuportáveis e que nos arranjássemos para nos encaixarmos nos bancos secos. Então, houve um bocado de barulho, porque cada um procurava sentar-se, e havia bancos onde havia cinco colegas, e a mais de três colegas ficámos muito apertados nos bancos. Eu cá estava com o Rufus, o Clotário e o Eudes. E depois a professora bateu com a régua na secretária e gritou:

— Silêncio! — Mais ninguém disse nada, exceto o Aniano, que não tinha ouvido e que continuava a rever a lição de História. É preciso que se diga que ele estava sozinho no banco dele, porque ninguém tem vontade de se sentar ao lado desse grande menino-bonito da professora, exceto durante as redações. E depois o Aniano levantou a cabeça, viu a professora e parou de falar.



— Bem — disse a professora. — Não quero ouvir-vos mais. Ao menor disparate, tenho de os castigar! Compreenderam? Agora distribuam-se um pouco melhor pelos bancos e em silêncio!

Então, levantámo-nos todos e sem dizermos nada mudámos de lugar: não era altura para fazer palhaçadas, a professora estava com um ar bestialmente zangado! Sentei-me com o Godofredo, o Maixent, o Clotário e o Alceste, e não estávamos lá muito bem, pois o Alceste ocupa um espaço incrível e deita migalhas para todo o lado com as suas fatias de pão. A professora olhou para nós um bom bocado, deu um grande suspiro e foi-se embora outra vez falar com as outras professoras.

E depois o Godofredo levantou-se, foi até ao quadro e com o giz desenhou um homenzinho divertido como tudo, ainda que lhe faltasse o nariz, e escreveu: «O Maixent é um imbecil.» Aquilo deu-nos vontade de rir, exceto ao Aniano, que tinha voltado à sua História, e ao Maixent, que se levantou e se dirigiu ao Godofredo para lhe dar um estalo. O Godofredo, claro, defendeu-se, mas ainda mal estávamos todos de pé a gritar, a professora entrou a correr, e estava completamente vermelha, com os olhos muito abertos; há já uma semana que não a via assim tão zangada.

E depois, quando olhou para o quadro, foi o pior de tudo.

— Quem é que fez isto? — perguntou a professora. — Foi o Godofredo — respondeu o Aniano.

— Seu grande queixinhas! — gritou o Godofredo. — Vais levar uma bofetada, sabes!

— Força! — gritou o Maixent. — Chega-lhe, Godofredo! Então, foi ótimo. A professora ficou bestialmente zangada, bateu com a régua montes de vezes na secretária. O Aniano começou a gritar e a chorar, disse que ninguém gostava dele, que estava muito triste e ia queixar-se aos pais, e toda a gente estava de pé, e toda a gente gritava; divertíamo-nos muito.

— Sentados! — gritou a professora. — É a última vez que vos digo: sentados! Não quero voltar a ouvir-vos! Sentados!

Então, sentámo-nos. Eu estava com o Rufus, o Maixent e o Joaquim, e o diretor entrou na sala.

— De pé! — disse a professora.

— Sentados! — disse o diretor.

E depois olhou para nós e perguntou à professora:

— O que é que se passa aqui? Ouvem-se os gritos dos seus alunos por toda a escola! É insuportável! E depois, porque é que estão sentados a quatro ou cinco por banco, e há bancos vazios? Volte cada um para o seu lugar.



Levantámo-nos todos, mas a professora explicou ao diretor a história dos bancos molhados. O diretor ficou com um ar espantado e disse que estava bem, que voltássemos para os lugares que acabávamos de deixar. Então, sentei-me com o Alceste, o Rufus, o Clotário, o Joaquim e o Eudes; estávamos bestialmente apertados. E depois o diretor apontou com o dedo para o quadro e perguntou:

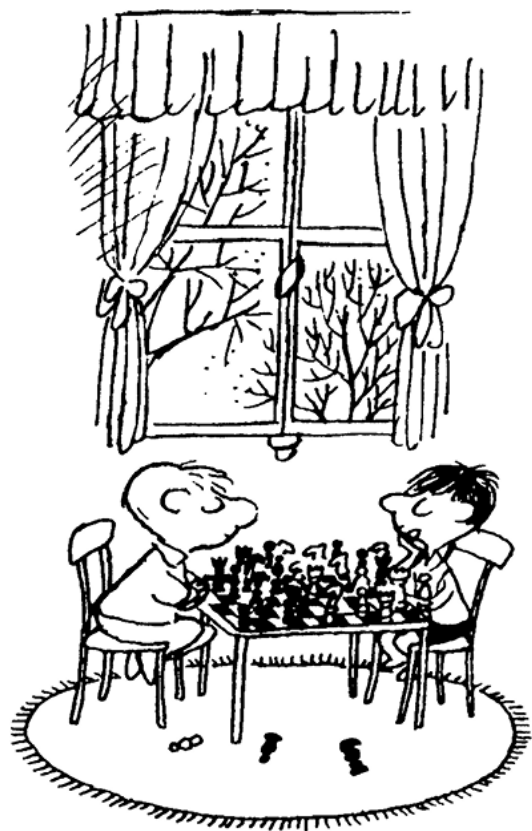
— Quem é que fez isto? Vamos, depressa!

E o Aniano não teve tempo de dizer, pois o Godofredo, levantou-se a chorar e a dizer que não tinha tido a culpa.

— Tarde demais para lamúrias e choradeiras, rapazinho — disse o diretor. — Você está no mau caminho, naquele que conduz à perdição; mas eu vou fazer-lhe perder o hábito de utilizar um vocabulário grosseiro e de insultar os seus colegas! Vai copiar quinhentas vezes o que escreveu no quadro. Entendido?... Quanto a vocês, apesar de a chuva ter parado, hoje não irão para o pátio do recreio. Isso ensinar-vos-á um pouco o respeito pela disciplina; ficarão na sala vigiados pela vossa professora!

E quando o diretor se foi embora, quando nos voltámos a sentar, com o Godofredo e o Maixent, no nosso banco, achámos que a professora era de facto muito porreira, e que gostava muito de nós, de nós que, no entanto, a fazíamos zangar-se às vezes. Era ela que tinha o ar mais chateado de todos quando soube que hoje não teríamos autorização para ir para o pátio!







O xadrez

No domingo estava frio e chovia, mas isso não me incomodava, porque tinha sido convidado para lanchar em casa do Alceste, e o Alceste é um bom compincha que é muito gordo e que gosta muito de comer, e com o Alceste rimo-nos sempre, mesmo quando discutimos.

Quando cheguei a casa do Alceste, foi a mãe dele quem me abriu a porta, porque o Alceste e o pai já estavam à mesa e estavam à minha espera para lanchar.

— Chegaste atrasado — disse-me o Alceste.

— Não fales com a boca cheia — disse o pai dele — e passa-me a manteiga.

Ao lanche, cada um de nós teve duas taças de chocolate, um bolo com creme, torradas com manteiga e doce, salpicão e queijo, e quando acabámos, o Alceste perguntou à mãe se podíamos comer um bocado de feijoada que tinha sobrado do almoço, porque ele queria dar-ma a provar, mas a mãe dele respondeu que não, que aquilo nos iria tirar o apetite para o jantar e que, aliás, já não havia feijoada do almoço.

Eu, de qualquer maneira, já não tinha muita fome.

E depois levantámo-nos para irmos brincar, mas a mãe do Alceste disse-nos que tínhamos de ter muito juízo e sobretudo para não desarrumarmos o quarto, porque ela tinha passado toda a manhã a arrumá-lo.

— Vamos brincar com o comboio, com os carrinhos, com os berlindes e com a bola de futebol — disse o Alceste.

— Não, não e não! — disse a mãe do Alceste. — Não quero que o teu quarto fique numa confusão. Arranjem uns jogos mais calmos!

— Então, o quê? — perguntou o Alceste.

— Eu cá tenho uma ideia — disse o pai do Alceste. — Vou ensinar-lhes o jogo mais inteligente que há! Vão para o vosso quarto que eu já lá vou ter.



Então, nós fomos para o quarto do Alceste e é verdade que estava bestialmente bem arrumado, e depois o pai dele chegou com um jogo de xadrez debaixo do braço.

— Xadrez? — disse o Alceste. — Mas nós não sabemos jogar a isso!

— Precisamente por isso — disse o pai do Alceste — vou ensiná-los; vão ver, é formidável!

E é verdade que o xadrez é muito interessante! O pai do Alceste mostrou-nos como se arrumam as peças no tabuleiro (nas damas, eu sou ótimo!), mostrou-nos os peões, as torres, os bispos, os cavalos, o rei e a rainha, disse-nos como se deve fazer para eles avançarem, e isso não é fácil, e também como se devia fazer para comer as peças do inimigo.

— É como uma batalha com dois exércitos — disse o pai do Alceste — e vocês são os generais.

E depois o pai do Alceste agarrou num peão em cada mão, fechou-as, deu-me a escolher, fiquei com as brancas e começámos a jogar. O pai do Alceste, que é muito porreiro, ficou connosco para nos dar conselhos e para nos dizer quando nos enganávamos. A mãe do Alceste também veio e estava com um ar contente por nos ver sentados à volta da mesa do Alceste a jogar, e depois o pai do Alceste movimentou um bispo e disse a rir que eu tinha perdido.

— Bom — disse o pai do Alceste —, acho que compreenderam. Então, agora, o Nicolau vai ficar com as pretas e vocês vão jogar sozinhos.

E foi-se embora com a mãe do Alceste dizendo-lhe que a questão era ter jeito, e perguntou-lhe se era verdade que já não sobrava nem um fundo de feijoada.

O que era chato com as peças pretas é que estavam um bocado pegajosas, por causa do doce que o Alceste tem sempre nas mãos.

— Começa a batalha — disse o Alceste. — Em frente! *Bum!*

E avançou um peão. Então, eu fiz avançar o meu cavalo, e o cavalo é o mais difícil de fazer andar, porque vai a direito e depois vai de lado, mas também é o mais giro, porque pode saltar.

— Lancelote não tem medo dos inimigos! — gritei eu.

— Em frente! Brum-bum-bum, brum-bum! — respondeu o Alceste fazendo de tambor e empurrando vários peões com as costas da mão.

— Eh! — disse eu. — Não podes fazer isso!

— Defende-te como pudes, malandro! — gritou o Alceste, que foi comigo ver um filme de cavaleiros e de fortalezas na televisão, na quinta-feira, a casa do Clotário. Então, com as duas mãos, também empurrei os meus peões, imitando o canhão e a metralhadora, *ratatatatá* e, quando os meus peões encontraram os do Alceste, montes deles caíram.



— Um minuto — disse-me o Alceste. — Isso não vale, assim! Fizeste de metralhadora, e nesse tempo não havia. É só o canhão, *bum!*, ou as espadas, *tchaf, tchaf!* Se é para fazeres batota, não vale a pena jogar.

Como o Alceste tinha razão, disse-lhe que estava bem, e continuámos a jogar xadrez. Avancei o meu bispo, mas tive dificuldades, por causa de todos os peões que tinham caído no tabuleiro, e o Alceste, com o dedo, como se jogasse ao berlinde, *bing!*, mandou o meu bispo contra o meu cavalo, que caiu. Então, eu fiz a mesma coisa com a minha torre, que mandei contra a rainha dele.

— Isso não vale — disse-me o Alceste. — A torre avança em frente, e tu mandaste-la de lado, como um bispo!

— Vitória! — gritei eu. — Apanhámo-los! Em frente, bravos cavaleiros! Pelo rei Artur! *Bum! Bum!*

E com os dois dedos deitei abaixo montes de peças. Foi incrível!

— Espera — disse-me o Alceste. — Com os dedos é fácil demais; e se fizéssemos isso com berlindes? Os berlindes seriam as balas, *bum, bum!*

— Está bem — disse eu —, mas não vamos ter espaço no tabuleiro.

— Ora, é muito simples — disse o Alceste. — Tu vais-te pôr num lado do quarto e eu fico do outro lado, e depois vale esconder as peças atrás das pernas da cama, da cadeira e da mesa.

E depois o Alceste foi procurar os berlindes ao armário, que estava menos bem arrumado que o quarto; caíram montes de coisas no tapete, e eu pus um peão preto numa das mãos e um peão branco na outra. Fechei as mãos e dei a escolher ao Alceste, que ficou com as brancas. Começámos a atirar os berlindes fazendo «*bum!*» de cada vez e, como as nossas peças estavam bem escondidas, era difícil acertar-lhes.

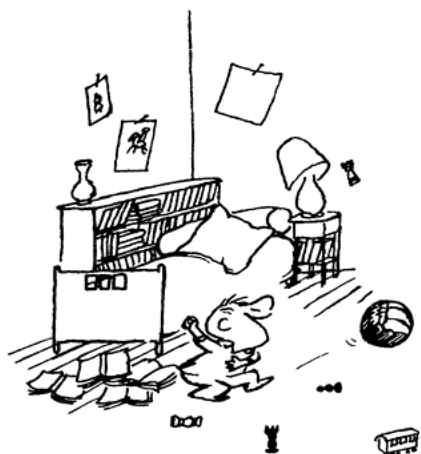
— Olha lá — disse eu —, e se pegássemos nos vagões do teu comboio e nos

carrinhos para fazerem de tanques?

O Alceste tirou o comboio e os carros do armário, pusemos os soldados lá dentro e fizemos avançar os tanques, *brum, brum*.

— Mas — disse o Alceste — nunca iremos conseguir atingir os soldados com os berlindes se eles estiverem nos tanques.

— Podemos bombardeá-los — disse eu.



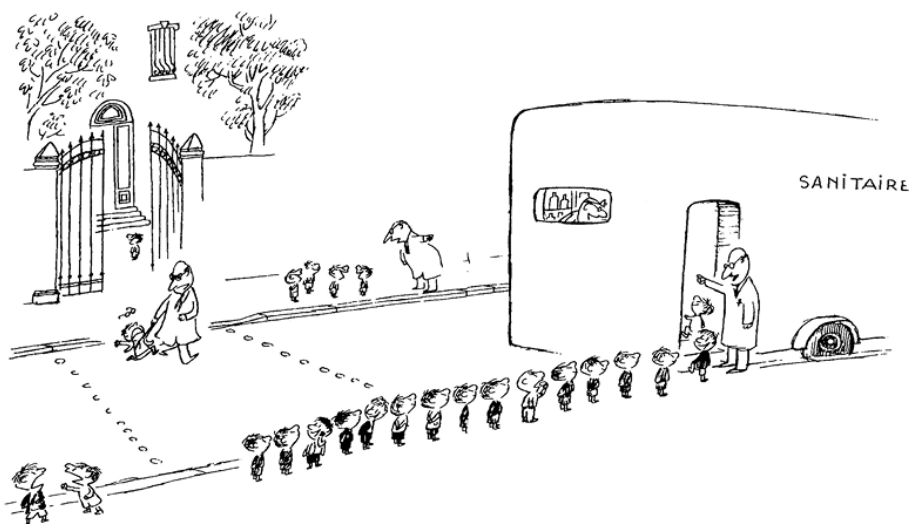
Então fizemos de aviões com as mãos cheias de berlindes, fazíamos «*brum!*» e depois, quando passávamos por cima dos tanques, largávamos os berlindes, *bum!* Mas os berlindes não faziam nada nem aos vagões nem aos carros; então, o Alceste foi procurar a bola de futebol e deu-me outra bola, vermelha e azul, que lhe tinham comprado para ir à praia, e começámos a atirar as nossas bolas contra os tanques e foi extraordinário! E depois o Alceste chutou com demasiada força, e a bola de futebol foi bater na porta, voltou por cima da mesa, onde fez cair o tinteiro, e a mãe do Alceste entrou.

A mãe do Alceste estava bestialmente zangada! Disse ao Alceste que, nessa noite, ao jantar, não poderia repetir a sobremesa, e disse-me que se fazia tarde e que era melhor voltar para casa da minha pobre mãe. E quando me fui embora, ainda havia gritos em casa do Alceste, a quem o pai estava a ralhar.

É pena que não tenhamos continuado, porque o jogo do xadrez é muito giro! Assim que estiver bom tempo, iremos jogar a isso no descampado.

Porque, é evidente, o xadrez não é um jogo bom para dentro de casa, *brum, bum, bum!*





Os médicos

Esta manhã, quando entrei no pátio da escola, o Godofredo dirigiu-se a mim com um ar muito chateado. Disse-me que tinha ouvido os grandes dizerem que vinham uns médicos para nos fazerem radiografias. E depois os outros colegas chegaram.

— Isso são balelas — disse o Rufus. — Os grandes andam sempre a dizer balelas.

— O que é que é balelas? — perguntou o Joaquim

— Que os médicos vêm esta manhã para nos fazerem vacinas — respondeu o Rufus.

— Achas que não é verdade? — disse o Joaquim, bestialmente preocupado.

— O que é que não é verdade? — perguntou o Maixent.

— Que vão chegar uns médicos para nos fazerem operações — respondeu o Joaquim.

— Mas eu cá não quero! — gritou o Eudes.

— Não quero que me tirem o apêndice — respondeu o Maixent

— O apêndice é o quê? — perguntou o Clotário.

— É o que me tiraram quando eu era pequeno — respondeu o Alceste —, por isso, os vossos médicos dão-me vontade de rir. — E riu-se.

E depois o Caldo — é o nosso vigilante — tocou a sineta e pusemo-nos em fila.

Estávamos todos muito chateados, exceto o Alceste, que se ria, e o Aniano, que não tinha ouvido nada porque estava a rever as lições. Quando entrámos na aula, a professora disse-nos:

— Meninos, esta manhã, vêm cá uns médicos para...

E ela não conseguiu continuar, porque o Aniano se levantou de repente.

— Médicos? — gritou o Aniano. — Eu não quero ir aos médicos! Não irei aos médicos! Vou-me queixar! E depois não posso ir aos médicos, estou doente!

A professora bateu com a régua na secretária e, enquanto o Aniano chorava, continuou:

— De facto, não há motivo para alarme, nem para agirem como bebés. Os médicos vão apenas tirar-lhes uma radiografia, isso não dói nada e...

— Mas — disse o Alceste — a mim disseram-me que eles vinham cá para tirar os apendicites! Se forem os apendicites quero, mas para radiografias não contem comigo!

— Os apendicites? — gritou o Aniano e rebolou-se no chão.

A professora zangou-se, voltou a bater com a régua na secretária, disse ao Aniano para se acalmar se não queria que ela lhe desse um zero a Geografia (era hora de Geografia) e disse que o primeiro que voltasse a falar seria expulso da escola. Então, ninguém disse mais nada, exceto a professora:

— Bem — disse ela. — A radiografia é apenas uma fotografia para ver se os nossos pulmões estão em bom estado. Aliás, de certeza que já tiraram radiografias e que sabem o que é. Portanto, é inútil armarem sarilho; isso não serviria de nada.

— Mas, minha senhora — começou o Clotário —, os meus pulmões...

— Deixe os seus pulmões em paz e em vez disso venha ao quadro dizer-nos o que sabe sobre os afluentes do Tejo — disse-lhe a professora.

O Clotário tinha acabado de ser interrogado e, mal chegou ao castigo, entrou o Caldo.

— É a vez da sua turma, minha senhora — disse o Caldo.

— Está bem — disse a professora. — De pé, em silêncio e em fila.



— Mesmo os que estão de castigo? — perguntou o Clotário.

Mas a professora não pôde responder-lhe, porque o Aniano tinha voltado a chorar e a gritar que não iria e que se o tivessem prevenido teria trazido uma justificação dos pais, e que traria uma amanhã, e agarrava-se com as duas mãos ao banco, e dava pontapés para todos os lados. Então, a professora suspirou e aproximou-se dele.

— Ouve, Aniano — disse a professora. — Garanto-te que não há motivo para teres medo. Os médicos nem sequer te tocarão; e depois, vais ver, é divertido: os médicos vieram num grande camião e entra-se no camião subindo uma escadinha. E dentro do camião é mais bonito do que tudo o que tu já viste. E, além disso, olha, se te portares bem, prometo interrogar-te a Aritmética.

— Sobre frações? — perguntou o Aniano.

A professora respondeu-lhe que sim, então o Aniano largou o banco e pôs-se na fila connosco a tremer bestialmente e a fazer «hu-hu-hu» baixinho e a toda a hora.



Quando descemos para o pátio, cruzámo-nos com os grandes que regressavam para a aula.

— Eh! Aquilo dói? — perguntou-lhes o Godofredo.

— Horrível! — respondeu um grande. — Aquilo queima e pica e arranha, e vão todos com grandes facas e há sangue por toda a parte!

E todos os grandes se foram embora a rir, e o Aniano rebolou-se no chão e ficou doente, e foi preciso que o Caldo o viesse buscar e o levasse em braços para a enfermaria. Diante da porta da escola havia um camião branco, grande como tudo, com uma escadinha para subir atrás e outra para descer, de lado, à frente. Muito giro. O diretor estava a falar com um médico que tinha uma bata branca.

— São aqueles — disse o diretor. — Aqueles de que lhe falei.

— Não se preocupe, senhor diretor — disse o médico. — Nós estamos habituados; connosco, eles estarão direitinhos. Tudo se passará em silêncio e com calma.

E depois ouviram-se gritos terríveis. Era o Caldo que lá vinha arrastando o Aniano pelo braço.

— Eu acho — disse o Caldo — que deviam começar por este; ele está um bocado nervoso.

Então, um dos médicos agarrou o Aniano pelos braços, e o Aniano dava-lhe montes de pontapés dizendo que o largasse, que lhe tinham prometido que os médicos não lhe tocariam, que toda a gente mentia e que se ia queixar à polícia. E depois o médico entrou no camião com o Aniano, continuaram a ouvir-se gritos e depois uma voz grossa que disse:

— Fica quieto! Se continuares a espernear, levo-te para o hospital! — E depois houve uns «hu-hu-hu», e vimos descer o Aniano pela porta do lado, com um grande sorriso na cara, e voltou a entrar na escola a correr.

— Bom! — disse um dos médicos limpando a cara. — Os cinco primeiros,

avancem! Como soldadinhos!

E como ninguém se mexeu, o médico apontou cinco com o dedo.

— Tu, tu, tu, tu e tu — disse o médico.

— Porque é que somos nós e não ele? — perguntou o Godofredo apontando para o Alceste.

— Sim! — dissemos nós: eu, o Rufus, o Clotário e o Maixent.

— O médico disse tu, tu, tu, tu e tu — disse o Alceste. — Não disse eu. Portanto, é a tua vez de ires, e a tua, e a tua, e a tua, e a tua! Não a minha!

— Sim? Pois, se tu não fores, nem ele, nem ele, nem ele, nem ele nem eu iremos! — respondeu o Godofredo.

— Isso ainda não acabou? — gritou o médico. — Vá, vocês os cinco, subam! Rápido!

Então nós subimos. Dentro do camião era muito giro; um médico escreveu os nossos nomes, mandou-nos tirar as camisas, puseram-nos uns a seguir aos outros atrás de um pedaço de vidro e disseram-nos que já tinha acabado e que voltássemos a pôr as camisas.

— O camião é giro! — disse o Rufus.

— Viste a mesinha? — disse o Clotário.

— Para fazer viagens, aquilo deve ser ótimo! — disse eu.

— E aquilo, aquilo funciona como? — perguntou o Maixent.

— Não mexam em nada! — gritou o médico. — E desçam! Estamos com pressa! Vá, rua... Não! Não é por trás! Por ali! Por ali!

Mas como o Godofredo, o Clotário e o Maixent tinham ido para trás para descerem, aquilo provocou uma grande confusão com os colegas que estavam a subir. E depois o médico que estava na porta de trás agarrou no Rufus, que tinha dado a volta e que queria voltar a subir para o camião, e perguntou-lhe se ainda não tinha tirado a radiografia.

— Não — disse o Alceste —, fui eu que já tirei a radiografia.

— Como é que tu te chamas? — perguntou o médico.

— Rufus — disse o Alceste.

— Isso é que era bom! — disse o Rufus.

— Vocês, aí em baixo! Não subam pela porta da frente! — gritou um médico.

E os médicos continuaram a trabalhar com os montes de colegas que subiam e desciam, e com o Alceste que estava a explicar a um médico que a ele não valia a pena, visto que já não tinha apendicite. E depois o motorista do camião debruçou-se e perguntou se podia seguir, que estavam bestialmente atrasados.

— Segue! — gritou um médico dentro do camião. — Já estão todos exceto um: o Alceste, que deve ter faltado!

E o camião foi-se embora e o médico que estava a discutir com o Alceste no passeio virou-se e gritou:

— Eh! Esperem por mim! Esperem por mim! — Mas os do camião não o ouviram, talvez porque estávamos todos a gritar.

O médico estava furioso; e, no entanto, nós e os médicos estávamos quites,

visto que eles nos tinham deixado um dos seus médicos, mas tinham levado um dos nossos colegas: o Godofredo, que tinha ficado dentro do camião.







A nova livraria

Há uma nova livraria que abriu, muito perto da escola, no sítio onde ficava a lavandaria, e à saída eu e os meus colegas fomos ver.

A montra da livraria é muito gira, com montes de revistas, jornais, livros, canetas, e entrámos, e o senhor da livraria, quando nos viu, fez um grande sorriso e disse:

— Olha, olha! Temos clientes. Vocês vêm da escola ali do lado? Tenho a certeza de que viremos a ser bons amigos. Eu chamo-me senhor Brasa.

— E eu Nicolau — disse eu.

— E eu Rufus — disse o Rufus.

— E eu Godofredo — disse o Godofredo.

— Tem a revista *Problemas Económico-Sociológicos do Mundo Ocidental*? — perguntou um senhor que acabava de entrar.

— E eu Maixent — disse o Maixent

— Sim, eh... muito bem, rapaz — disse o Sr. Brasa... — Atendo-o imediatamente. — E começou a procurar num monte de revistas, e o Alceste perguntou-lhe:

— Aqueles cadernos ali, são a como?

— Hum? O quê? — disse o Sr. Brasa. — Ah! Aqueles? Cinquenta cêntimos, meu rapaz.

— Na escola, são a trinta cêntimos — disse o Alceste.

O Sr. Brasa parou de procurar a revista do senhor, voltou-se e disse:

— Como, trinta cêntimos? Os cadernos quadriculados de cem páginas?

— Ah! não — disse o Alceste. — Os da escola têm cinquenta páginas. Posso ver esse caderno?

— Podes — disse o Sr. Brasa —, mas limpa as mãos. Estão cheias de manteiga por causa do pão.

— Afinal tem ou não tem a revista *Problemas Económico-Sociológicos do Mundo Ocidental*? — perguntou o senhor.

— Claro, claro, encontro-a imediatamente — disse o Sr. Brasa. — Acabo de me instalar e ainda não estou bem organizado... O que é que estás a fazer aí, tu?

E o Alceste, que tinha passado para trás do balcão, disse-lhe:

— Como o senhor. estava ocupado, vim eu buscá-lo, o caderno que o senhor diz que tem cem páginas.

— Não! Não mexas! Vais deitar tudo abaixo! — gritou o Sr. Brasa. — Passei a

noite toda a arrumar... Olha, o caderno está aqui, e não faças migalhas com o teu *croissant*.

E depois o Sr. Brasa agarrou numa revista e disse:

— Ah! Aqui estão os *Problemas Económico-Sociológicos do Mundo Ocidental*. — Mas como o senhor que queria comprar a revista já se tinha ido embora, o Sr. Brasa deu um grande suspiro e voltou a pôr a revista no lugar.

— Olha! — disse o Rufus pondo o dedo numa revista, isto é a revista que a minha mãe lê todas as semanas.



— Muito bem — disse o Sr. Brasa —, portanto, agora, a tua mãe pode comprar aqui a revista dela.

— Bem, não — disse o Rufus. — A minha mãe não compra a revista. É a senhora Caixaflor, que vive ao lado de nós, que dá a revista à minha mãe, depois de a ter lido. E a senhora Caixaflor também a não compra; recebe-a pelo correio todas

as semanas.

O Sr. Brasa olhou para o Rufus sem dizer nada, e o Godofredo puxou-me pelo braço e disse-me:

— Anda ver. — E eu fui, e encostados à parede havia montes e montes de revistas de quadrinhos. Ótimo! Começámos a ver as capas, e depois passámos as capas para ver o interior, mas como não podíamos abrir bem, por causa das molas que seguravam as revistas umas às outras, não nos atrevemos a tirar as molas, porque isso talvez não agradasse ao Sr. Brasa, e nós não queríamos incomodá-lo.



— Olha — disse-me o Godofredo —, tenho aquela. É uma história com aviadores, *brum*. Há um, muito valente, mas há sempre uns tipos que querem fazer coisas ao avião dele para cair; mas quando o avião cai, não é o aviador que está lá dentro, mas um colega. Então, os outros colegas pensam todos que foi o aviador que fez cair o avião para se ver livre do colega, mas não é verdade, e o aviador depois descobre os verdadeiros bandidos. Não a leste?

— Não — disse eu. — Eu cá li a história do *cowboy* e a mina abandonada, sabes qual é? Quando ele lá chega, há uns tipos mascarados que se põem a dar-lhe tiros. *Pum! Pum! Pum! Pum!*

— O que é que se passa aqui? — gritou o Sr. Brasa, que estava entretido a dizer ao Clotário para não brincar com a coisa que anda à volta, aquela onde se põem os livros para as pessoas escolherem e comprarem.

— Estou a explicar-lhe uma história que eu li — disse eu ao Sr. Brasa.

— Não a tem? — perguntou o Godofredo.

— Que história? — perguntou o Sr. Brasa, que voltou a pentear-se com os dedos.

— É um *cowboy* — disse eu — que chega a uma mina abandonada. E na mina há uns tipos que estão à espera dele, e...

— Eu já a li! — gritou o Eudes. — E os tipos começam a dar tiros: *Pum! Pum! Pum!...*

— ... *Pum!* E depois o xerife diz: «Olá, forasteiro» — disse eu. — «Nós não gostamos de curiosos aqui...»

— Sim — disse o Eudes — então, o *cowboy* tira o revólver e *pum! pum! pum!*

— Já chega! — disse o Sr. Brasa

— Eu cá prefiro a minha história do aviador — disse o Godofredo. — *Bruum! Bruum!*

— Fazes-me rir com a tua história do aviador — disse eu.

— Ao pé da minha história do *cowboy*, é muito parva, essa tua história do aviador!



— Ah, sim! — disse o Godofredo. — Pois olha, a tua história do *cowboy* é mais parva que tudo, toma lá!

— Queres um murro no nariz? — perguntou o Eudes.

— Meninos!... — gritou o Sr. Brasa

E depois ouviu-se um barulho engraçado, e aquela coisa dos livros caiu ao chão.

— Quase nem lhe toquei! — gritou o Clotário, que tinha ficado todo vermelho.

O Sr. Brasa não estava mesmo nada contente, e disse:

— Bom, já chega! Não voltem a tocar em nada. Querem comprar alguma coisa, sim ou não?

— Noventa e nove... cem! — disse o Alceste. — Sim, o seu caderno tem mesmo cem páginas, não era balela, é formidável! Bem gostaria de o comprar.

O Sr. Brasa tirou o caderno das mãos do Alceste e foi fácil, porque as mãos do Alceste escorregam sempre; olhou para o caderno e disse:

— Ah, desgraçado! Sujaste as páginas todas com os dedos! Enfim, pior para ti. São cinquenta cêntimos.

— Sim — disse o Alceste. — Mas eu não tenho dinheiro. Portanto, em casa, ao almoço, vou perguntar ao meu pai se ele mo quer dar. Mas não conte muito com isso, porque ontem fiz umas palhaçadas e o meu pai disse que me ia castigar.

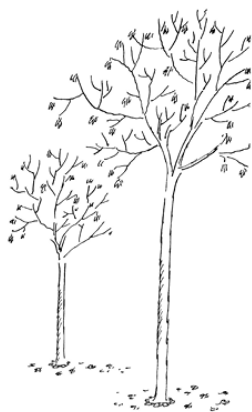
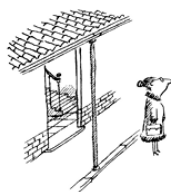
E como era tarde, fomo-nos todos embora, berrando:

— Adeus, senhor Brasa!

O Sr. Brasa não nos respondeu; estava entretido a olhar para o caderno que o Alceste talvez lhe vá comprar.

Eu cá estou contente com a nova livraria, e agora sei que seremos aí sempre bem recebidos, porque, como diz a minha mãe, «devemos sempre ficar amigos dos comerciantes; assim, depois, eles lembram-se de nós e servem-nos bem».







O Rufus está doente

Estávamos na aula, a fazer um problema de matemática muito difícil, em que se falava de um camponês que vendia montes de ovos e maçãs, e depois o Rufus levantou o braço.

— Sim, Rufus? — disse a professora.

— Posso sair, minha senhora? — perguntou o Rufus. — Estou doente.

A professora disse ao Rufus para chegar até à secretária; olhou para ele, pôs-lhe a mão na testa e disse-lhe:

— Mas é verdade que não estás com bom aspeto. Podes sair. Vai à enfermaria e diz-lhes que tratem de ti.

E o Rufus foi-se embora todo contente, sem acabar o problema.

Então, o Clotário levantou o braço e a professora mandou-o conjugar o verbo «Não devo fingir que estou doente, para tentar arranjar uma desculpa e ser dispensado de fazer o meu problema de aritmética». Em todos os tempos e em todos os modos.

Durante o recreio, no pátio, encontrámos o Rufus e fomos vê-lo.

— Foste à enfermaria? — perguntei eu

— Não — respondeu-me o Rufus. — Escondi-me até ao recreio.

— E porque é que não foste à enfermaria? — perguntou o Eudes.

— Eu não sou parvo — disse o Rufus. — Da última vez que fui à enfermaria, puseram-me tintura de iodo no joelho e aquilo arde p'ra burro.



Então, o Godofredo perguntou ao Rufus se ele estava doente de verdade, e o Rufus perguntou-lhe se ele queria um estalo, e aquilo deu vontade de rir ao Clotário, e já não me lembro muito bem do que é que os meus colegas disseram e de como se passou, mas depressa estávamos todos à bulha à volta do Rufus, que se tinha sentado para nos ver e que gritava:

— Chega-lhe! Chega-lhe!

Claro que, como de costume, o Alceste e o Aniano não entravam na bulha. O Aniano, porque estava a rever as lições e porque, por causa dos óculos, não lhe podemos bater; e o Alceste, porque tinha duas fatias de pão para acabar antes do fim do recreio.

E depois o Sr. Moscacerveja apareceu a correr.

O Sr. Moscacerveja é um novo vigilante que não é muito velho e que ajuda o Caldo, que é o nosso verdadeiro vigilante, a vigiar-nos.

Porque é verdade: apesar de nos portarmos bastante bem, vigiar o recreio é um trabalho chato.

— Vamos lá a ver — disse o Sr. Moscacerveja —, o que é que houve desta vez, bando de pequenos selvagens? Vão todos ficar sem recreio!

— Eu não — disse o Rufus. — Eu cá estou doente.

— Sim? — disse o Godofredo.

— Queres um estalo? — perguntou o Rufus.

— Silêncio! — gritou o Sr. Moscacerveja. — Silêncio ou garanto-vos que vão ficar doentes!

Então, não dissemos mais nada, e o Sr. Moscacerveja disse ao Rufus que se aproximasse.

— O que é que tem? — perguntou-lhe o Sr. Moscacerveja?

O Rufus disse que não se sentia bem.

— Disse aos seus pais? — perguntou o Sr. Moscacerveja.

— Disse — respondeu o Rufus. — Disse à minha mãe, esta manhã.

— E então — disse o Sr. Moscacerveja —, porque é que ela o deixou vir à escola?

— Bem... — explicou o Rufus — eu digo à minha mãe, todas as manhãs, que não me sinto bem. Então, é claro que ela não pode saber. Mas desta vez não é a brincar.

O Sr. Moscacerveja olhou para o Rufus, coçou a cabeça e disse-lhe que tinha de ir à enfermaria.

— Não! — gritou o Rufus.

— Não, porquê? — disse o Sr. Moscacerveja. — Se está doente, tem de ir à enfermaria. E quando lhe digo qualquer coisa, tem de me obedecer!

E o Sr. Moscacerveja agarrou o Rufus pelo braço, mas o Rufus pôs-se a gritar: «Não! Não! Não vou?», e rebolou-se no chão a chorar.

— Não lhe bata — disse o Alceste, que tinha acabado de comer as fatias de pão —, pois não está a ver que ele está doente?

— Mas eu não lhe... — começou ele a dizer, e depois ficou todo vermelho e

gritou ao Alceste que não se metesse onde não era chamado e pô-lo um recreio de castigo.

— Essa é a melhor de todas! — gritou o Alceste. — Então eu vou ficar um recreio de castigo porque esse imbecil está doente?

— Queres um estalo? — perguntou o Rufus, que tinha deixado de chorar.

— Boa — disse o Godofredo.

E começámos todos a gritar ao mesmo tempo e a discutir. O Rufus sentou-se para nos ver e o Caldo apareceu a correr.

— Então, senhor Moscacerveja — disse o Caldo —, há algum problema?

— É por causa do Rufus que está doente — disse o Eudes.

— Ninguém lhe perguntou nada — disse o Caldo. — senhor Moscacerveja, castigue esse aluno, se faz favor.

E o Sr. Moscacerveja pôs o Eudes um recreio de castigo, o que agradou ao Alceste, porque é sempre mais divertido estar de castigo com os colegas.

E depois o Sr. Moscacerveja explicou ao Caldo que o Rufus não queria ir à enfermaria e que o Alceste tinha tido o descaramento de lhe dizer para não bater no Rufus e que ele nunca tinha batido no Rufus e que nós éramos insuportáveis, insuportáveis, insuportáveis! O Sr. Moscacerveja disse isto três vezes e a voz dele na última vez era parecida com a da minha mãe quando a faço zangar-se.

O Caldo passou a mão pelo queixo e depois agarrou no Sr. Moscacerveja pelo braço, levou-o um bocado mais para diante, pôs-lhe a mão no ombro e falou com ele baixinho durante um bom bocado.

E depois o Caldo e o Sr. Moscacerveja voltaram para ao pé de nós.

— Vai ver, meu rapaz — disse o Caldo com um grande sorriso nos lábios.

E depois chamou o Rufus com o dedo.

— Vai fazer o favor de vir comigo à enfermaria, sem dar espetáculo. Está bem?

— Não! — gritou o Rufus. E rebolou-se pelo chão a chorar e a gritar. — Nunca! Nunca! Nunca!

— Não deve obrigá-lo — disse o Joaquim.

Então, foi incrível. O Caldo ficou todo vermelho, pôs o Joaquim um recreio de castigo e outro o Maixent, que se estava a rir. O que me admirou é que o grande sorriso, agora, estava nos lábios do Sr. Moscacerveja.

E depois o Caldo disse ao Rufus:



— Para a enfermaria! Já! Sem discussões!

E o Rufus viu que não era altura para brincadeiras e disse que bem, de acordo, que ia de boa vontade, mas desde que não lhe pusessem tintura de iodo nos joelhos.

— Tintura de iodo? — disse o Caldo. — Ninguém lhe vai pôr tintura de iodo. Mas quando estiver bom, venha ter comigo. Teremos umas contas a ajustar. Agora,

vá com o senhor Moscacerveja.

E dirigimo-nos todos à enfermaria, e o Caldo começou a gritar:

— Não são todos! Só o Rufus! A enfermaria não é um pátio de recreio! E, além disso, o vosso colega pode ter qualquer coisa de contagioso!

E aquilo deu-nos vontade de rir, exceto ao Aniano, que tem sempre medo de ser contagiado pelos outros.

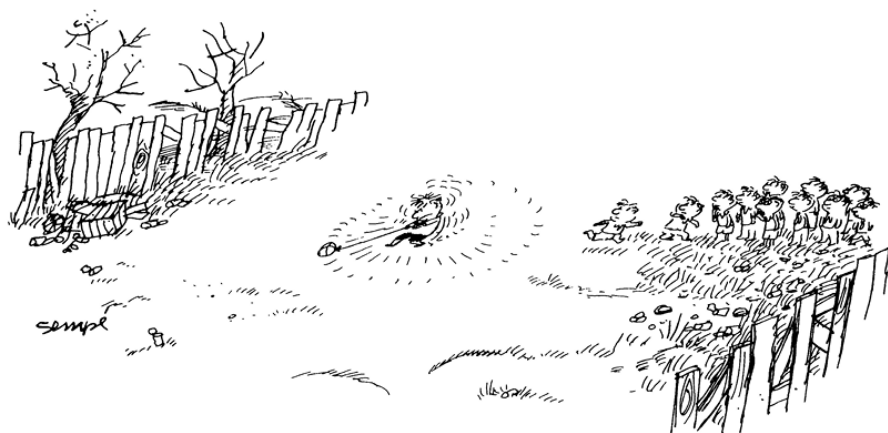


E, pouco depois, o Caldo tocou a sineta e fomos para a aula, enquanto o Sr. Moscacerveja levava o Rufus a casa. O Rufus teve sorte; tínhamos aula de Gramática.

E quanto à doença, felizmente não é nada de grave.

O Rufus e o Sr. Moscacerveja têm sarampo.







Os atletas

Não sei se já lhes disse que no bairro há um descampado onde às vezes vamos brincar com os amigos.

O descampado é ótimo! Tem erva, pedras, um velho colchão, um carro que já não tem rodas mas que ainda é muito giro e nos serve de avião, *brum*, ou de autocarro, *tlim, tlim*. Também há lá caixotes e algumas vezes gatos; mas com eles é difícil brincar, porque, quando nos veem chegar, vão-se embora.

Estávamos no descampado, os compinchas todos, e perguntávamo-nos a que é que íamos brincar, visto que a bola de futebol do Alceste está confiscada até ao fim do período.

— Se brincássemos à guerra? — perguntou o Rufus.

— Tu bem sabes — respondeu o Eudes — que, sempre que queremos brincar à guerra, começamos à pancada, porque ninguém quer fazer de inimigo.

— Eu cá tenho uma ideia — disse o Clotário. — Se fizéssemos um campeonato de atletismo?



E o Clotário explicou-nos que tinha visto isso na televisão e que era muito giro. Que havia montes de provas, que toda a gente fazia montes de coisas ao mesmo tempo e que os melhores eram os campeões e que os faziam subir para um banco e que lhes davam medalhas.

— E o banco e as medalhas — perguntou o Joaquim —, onde é que os vais arranjar?

— Fazemos de conta — respondeu o Clotário. Era uma boa ideia, portanto, concordámos.

— Bom — disse o Clotário —, a primeira prova será o salto em altura.

— Eu cá não salto — disse o Alceste.

— Tens de saltar — disse o Clotário. — Toda a gente tem de saltar!

— Não, senhor — disse o Alceste. — Estou a comer e se saltar vou ficar doente, e se ficar doente, não poderei acabar o meu pão antes do jantar. Não salto.

— Bom — disse o Clotário. — Seguras no cordel por cima do qual nós temos de saltar. Porque precisamos de um cordel.

Então, procurámos nos bolsos, encontrámos berlindes, botões, selos e um caramelo, mas cordel não.

— Bastará pegar num cinto — disse o Godofredo.

— Isso não — disse o Rufus. — Não se pode saltar bem se se tiver de segurar as calças ao mesmo tempo.

— O Alceste não salta — disse o Eudes. — Ele empresta-nos o cinto dele.

— Não tenho cinto... — disse o Alceste. — As minhas calças seguram-se sozinhas.

— Vou procurar no chão, para ver se encontro um bocado de cordel — disse o Joaquim.

O Maixent disse que procurar um bocado de cordel no descampado era um trabalho engraçado e que não podíamos passar toda a tarde a procurar um bocado de cordel e que deveríamos fazer outra coisa.

— Eh, rapazes! — gritou o Godofredo. — E se fizéssemos um concurso para ver quem consegue andar mais tempo de pernas para o ar? Olhem para mim! Olhem para mim!

E o Godofredo começou a andar de pernas para o ar, e ele faz aquilo muito bem; mas o Clotário disse-lhe que nunca tinha visto provas de andar de pernas para o ar nos campeonatos de atletismo, imbecil.

— Imbecil? Quem é que é imbecil? — perguntou o Godofredo deixando de andar.

E o Godofredo pôs-se direito e começou à pancada com o Clotário.

— Ouçam lá, rapazes — disse o Rufus —, se é para andar à pancada e fazer palhaçadas, não vale a pena vir para o descampado; podemos muito bem fazer isso na escola.

E como ele tinha razão, o Clotário e o Godofredo pararam de andar à pancada, e o Godofredo disse ao Clotário que o apanharia onde quisesse, quando quisesse e como quisesse.

— Não me metes medo, Bill — disse o Clotário. — No rancho, sabemos como tratá-los, os coiotes da tua espécie.

— Então — disse o Alceste —, brincamos aos *cowboys*, ou vocês saltam?

— Já viste saltar sem cordel? — perguntou o Maixent.

— Vá, rapazes — disse o Godofredo. — Puxa

E o Godofredo fez *pum! pum!* com o dedo como se fosse um revólver e o Rufus agarrou-se à barriga com as duas mãos e disse:

— Apanhaste-me, Tom! — e caiu na erva.

— Já não podemos saltar — disse o Clotário. — Vamos fazer corridas.

— Se tivéssemos cordel — disse o Maixent —, podíamos fazer corridas com

barreiras.

O Clotário disse então que já que não tínhamos cordel, tudo bem, faríamos uma de 100 metros, da cerca até ao automóvel.

Mas o Maixent disse que não seria como as corridas de 100 metros de verdade, porque nas corridas de verdade, no fim, há um cordel, e o vencedor parte o cordel com o peito, e o Clotário disse ao Maixent que ele começava a chateá-lo com o cordel, e o Maixent respondeu-lhe que não nos pomos a organizar campeonatos de atletismo quando não temos cordel, e o Clotário respondeu-lhe que não tinha cordel mas que tinha uma mão e que a ia pôr na cara do Maixent. E o Maixent pediu-lhe que experimentasse, e o Clotário teria conseguido se o Maixent não lhe tivesse dado primeiro um pontapé.

Quando acabaram de andar à pancada, o Clotário estava muito zangado. Disse que nós não sabíamos nada de atletismo e que éramos uns miseráveis, e depois vimos chegar o Joaquim a correr, todo contente.



— Eh, rapazes! Olhem! Encontrei um bocado de arame!

Então, o Clotário disse que era porreiro e que íamos poder continuar o campeonato, e como estávamos todos um bocado fartos das provas de salto e de corrida, íamos lançar o martelo. O Clotário explicou-nos que o martelo não era um martelo de verdade, mas um peso atado a um cordel, que se fazia andar à roda muito depressa e que se largava. O que lançasse o martelo mais longe seria o campeão. O Clotário fez o martelo com o pedaço de arame e uma pedra atada à ponta.

— Começo eu, porque fui eu que tive a ideia — disse o Clotário. — Vão ver este lançamento!

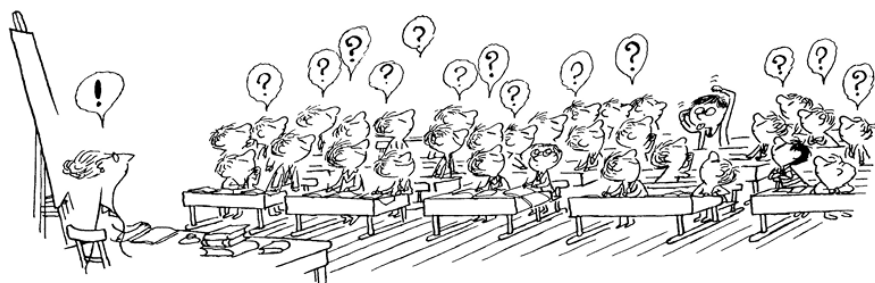
O Clotário começou a andar à volta sobre si próprio montes de vezes com o martelo e depois largou-o.



Parámos o campeonato de atletismo e o Clotário dizia que era ele o campeão. Mas os outros diziam que não; que visto que não tinham atirado o martelo, não se podia saber quem ganhara.

Mas eu penso que o Clotário tinha razão. Ele ganharia de qualquer maneira, porque foi um lançamento bestial, do descampado até à montra da mercearia do Sr.

Compani!





Vocês já repararam que quando se quer falar com os colegas na aula é difícil e estamos sempre a ser incomodados? Claro que se pode falar com o colega que está sentado ao nosso lado; mas mesmo que se tente falar baixinho, a professora ouve-nos e diz-nos: «Já que tem tanta vontade de falar, venha ao quadro, vamos ver se continua a ser tão falador!», e pergunta-nos os distritos com as capitais e há sempre problemas. Também podemos mandar uns aos outros bocados de papel onde escrevemos o que nos apetece dizer; mas também aí, quase sempre, a professora vê passar o papel e temos de lho levar à secretária e depois levá-lo ao diretor, e como lá está escrito «O Rufus é parvo, passem» ou «O Eudes é feio, passem», o diretor diz-nos que vamos ficar uns ignorantes, que iremos acabar no mau caminho, que isso dará um grande desgosto aos nossos pais que se matam a trabalhar para que sejamos bem-educados. E ele põe-nos de castigo!

Foi por isso que durante o primeiro recreio, esta manhã, achámos ótima a ideia do Godofredo.

— Invenitei um código formidável — disse-nos o Godofredo. — É um código secreto que seremos os únicos a conhecer, os do grupo.

E mostrou-nos. Para cada letra faz-se um gesto. Por exemplo: o dedo no nariz é a letra «a», o dedo no olho esquerdo é «b», o dedo no olho direito, o «c». Há gestos diferentes para todas as letras: coçamos a orelha, esfregamos o queixo, damos palmadinhas na cabeça, assim até ao «z», em que entortamos os olhos. Ótimo!

O Clotário não estava lá muito de acordo; disse-nos que, para ele, o alfabeto já era um código secreto e que, em vez de aprender a ortografia para falar com os colegas, preferia esperar pelo recreio para nos dizer o que nos tinha a dizer. O Aniano, é claro, também não quer saber nada do código secreto. Como é o melhor e o menino-bonito da aula, prefere ouvir a professora e que o chamem. O Aniano é louco!

Mas os outros todos achávamos que o código secreto era muito bom. E, além disso, um código secreto é muito útil; quando lutamos com os inimigos, podemos dizer uns aos outros montes de coisas e eles não compreendem e os vencedores somos nós.



Então pedimos ao Godofredo que nos ensinasse o seu código. Pusemo-nos todos à volta do Godofredo e ele disse-nos para fazermos como ele; tocou o nariz com o dedo e nós todos tocámos os narizes com os dedos; pôs um dedo no olho e todos nós pusemos um dedo no olho. Foi quando estávamos todos a entortar os olhos que o Sr. Moscacerveja apareceu. O Sr. Moscacerveja é um novo vigilante, que é um bocado mais velho que os grandes, mas não muito, e parece que é a primeira vez que faz de vigilante numa escola.

— Ouçam lá — disse-nos o Sr. Moscacerveja. — Não cometerei a loucura de lhes perguntar o que é que estão a tramar com as vossas caretas. Mas digo-lhes que, se continuam, ponho-os todos de castigo na quinta-feira. Entendido?

E foi-se embora.

— Bem — disse o Godofredo —, vão lembrar-se do código?

— A mim, o que não me dá jeito — disse o Joaquim — é o piscar do olho direito e do olho esquerdo para o «b» e para o «c». Engano-me sempre com a direita e com a esquerda; é como a minha mãe quando guia o carro do meu pai.

— Ora isso não faz mal — disse o Godofredo.

— O quê? Isso não faz mal? — disse o Joaquim. — Se eu te quiser chamar «imbecil» e te chamar «incebil» não é a mesma coisa.

— A quem é que tu queres chamar «imbecil», imbecil? — perguntou o Godofredo.

Mas não tiveram tempo de começar à pancada, porque o Sr. Moscacerveja tocou para o fim do recreio. Com o Sr. Moscacerveja, os recreios estão a tornar-se cada vez mais curtos.

Pusemo-nos em fila, e o Godofredo disse-nos:

— Na aula, vou mandar-te uma mensagem, e no próximo recreio veremos quem é que compreendeu. Previno-os de que, para fazer parte do grupo, será preciso conhecer o código secreto!

— Ah, muito bem! — disse o Clotário. — Então o Senhor decidiu que, se eu não conhecer o seu código, que não serve para nada, já não faço parte do grupo! Muito bem!

Então, o Sr. Moscacerveja disse ao Clotário:

— Vai-me conjugar o verbo «Eu não devo falar na fila, sobretudo quando tive tempo durante todo o recreio para contar histórias tolas». No indicativo e no

conjuntivo.

— Se tivesses utilizado o código secreto, não terias sido castigado — disse o Alceste. E o Sr. Moscacerveja deu-lhe o mesmo verbo para conjugar. O Alceste há de fazer-nos rir sempre!

Na aula, a professora disse-nos para tirarmos os cadernos e passarmos os problemas que ela ia escrever no quadro, para os fazermos em casa. A mim, aquilo aborreceu-me muito, sobretudo pelo meu pai, porque quando volta do escritório está cansado e não tem lá muita vontade de fazer os deveres de aritmética. E depois, enquanto a professora escrevia no quadro, virámo-nos todos para o Godofredo e esperámos que ele comesse a mensagem. Então, o Godofredo pôs-se a fazer gestos; e devo confessar que não era fácil compreendê-lo, porque ia depressa, e depois parava de escrever no caderno e depois, como estávamos a olhar para ele, punha-se a fazer gestos e era muito divertido, assim, a pôr os dedos nas orelhas e a dar palmadinhas na cabeça.

A mensagem do Godofredo era bestialmente comprida, o que era chato, pois não podíamos passar os problemas. É verdade que tínhamos medo de perder as letras da mensagem e de já não compreendermos nada, enquanto éramos obrigados a passar o tempo a olhar para o Godofredo, que estava sentado lá atrás no fundo da aula.



E depois o Godofredo fez «i» coçando a cabeça, «t» deitando a língua de fora, abriu muito os olhos, parou, voltámo-nos todos e vimos a professora, que já não estava a escrever e que estava a olhar para o Godofredo.

— Sim, Godofredo — disse a professora. — Estou como os seus colegas: estou a vê-lo fazer palhaçadas. Mas isso já durou o suficiente, não acha? Então, vá para o castigo, ficará sem recreio e, para amanhã, vai escrever cem vezes «Eu não devo fazer de palhaço na aula e distrair os meus colegas, impedindo-os de trabalhar».

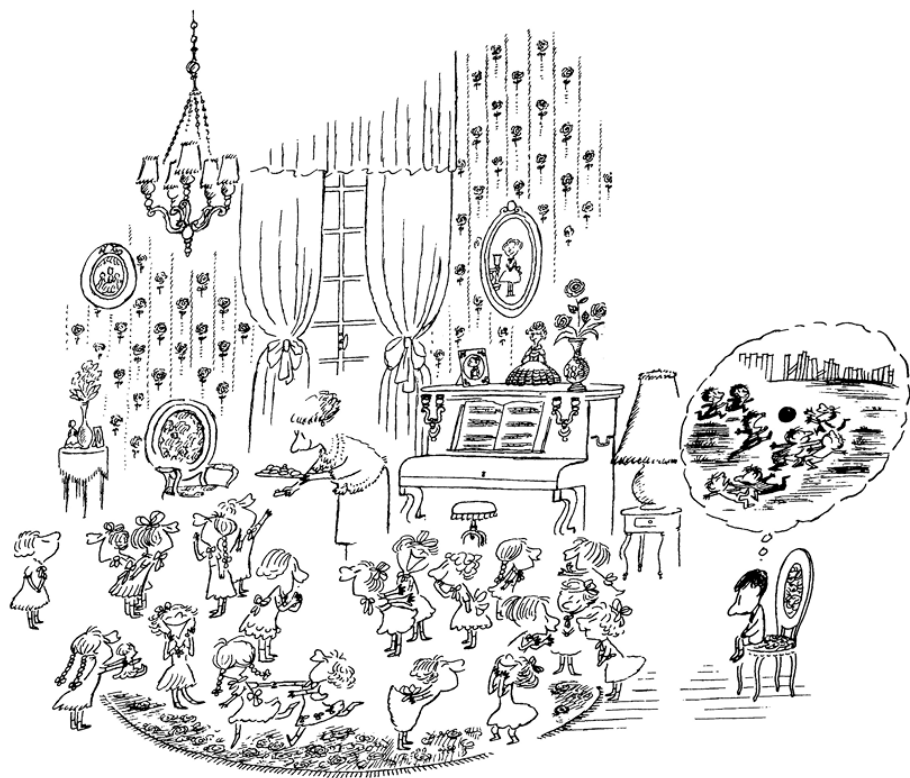
Nós não tínhamos compreendido nada da mensagem. Então, à saída da escola, esperámos pelo Godofredo e, quando ele chegou, vimos que estava bestialmente zangado.

— O que é que estavas a dizer na aula? — perguntei eu.

— Deixem-me em paz! — gritou o Godofredo. — E, além disso, o código secreto acabou-se! Aliás, não falo mais convosco, pronto!

Foi no dia seguinte que o Godofredo nos explicou a mensagem. Ele tinha-nos dito: «Não olhem para mim assim, porque a professora vai apanhar-me.»







O aniversário da Maria Edviges

Hoje fui convidado para o aniversário da Maria Edviges. A Maria Edviges é uma rapariga, mas é muito gira; tem os cabelos amarelos, olhos azuis, é toda cor-de-rosa e é filha do Sr. e da Sr.^a Curtaaplaca, que são nossos vizinhos. O Sr. Curtaaplaca é o chefe da secção de calçado nos armazéns do Pequeno Aforrador e a Sr.^a Curtaaplaca toca piano e canta sempre a mesma coisa: uma canção de montes de gritos que se ouve muito bem na nossa casa, todas as noites.

A minha mãe comprou um presente para a Maria Edviges: uma pequena cozinha com caçarolas e passadores; pergunto-me como é possível divertirmo-nos com brinquedos assim. E depois a minha mãe pôs-me o fato azul-escuro com a gravata, penteou-me com montes de brilhantina, disse-me que me devia portar sempre bem, como um homenzinho, e levou-me até à casa da Maria Edviges, precisamente ao lado da nossa. Eu cá estava contente, porque gosto muito dos aniversários e gosto muito da Maria Edviges. Claro que não se encontram em todos os aniversários compinchas como o Alceste, o Godofredo, o Eudes, o Rufus, o Clotário, o Joaquim ou o Maixent, que são os meus colegas da escola, mas conseguimos sempre divertir-nos; há bolos, brincamos aos *cowboys*, aos *polícias* e *ladrões*, e é giro.

Foi a mãe da Maria Edviges quem abriu a porta e deu uns gritinhos como se estivesse espantada por me ver chegar, e no entanto foi ela quem telefonou à minha mãe para me convidar. Ela foi muito simpática, disse-me que eu era muito querido, e depois chamou a Maria Edviges para ver o belo presente que eu tinha levado.

E a Maria Edviges lá veio, bestialmente cor-de-rosa, com um vestido branco que estava cheio de preguinhas, verdadeiramente muito gira. Eu cá estava muito chateado de lhe dar o presente, pois tinha a certeza de que ela ia achá-lo feio. Estava bem de acordo com a Sr.^a Curtaaplaca quando ela disse à minha mãe que não deveríamos incomodar-nos. Mas a Maria Edviges ficou com um ar muito contente com a cozinha; as raparigas são engraçadas! E depois a minha mãe foi-se embora voltando a dizer-me que me portasse bem.

Entrei na casa da Maria Edviges, e estavam lá duas raparigas com vestidos cheios de pregas. Chamavam-se Melanie e Eudóxia, e a Maria Edviges disse-me que eram as suas duas maiores amigas. Estendemo-nos as mãos e eu fui-me sentar num canto, num cadeirão, enquanto a Maria Edviges mostrava a cozinha às suas melhores amigas, e a Melanie disse que tinha uma assim, mas melhor; mas a Eudóxia disse que a cozinha da Melanie não era de certeza tão bonita como o

serviço de mesa que ela tinha recebido pelos anos. E começaram as três a discutir.

E depois tocaram à porta, várias vezes, e entraram montes de raparigas, todas com vestidos cheios de preguinhas, com presentes parvos, e uma ou duas tinham trazido as bonecas.

Se eu soubesse, teria trazido a minha bola de futebol. E depois a Sr.^a Curtoplaca disse:

— Pois bem, acho que já cá está toda a gente; podemos passar à mesa para lanchar.

Quando vi que era o único rapaz, tive vontade de voltar para casa, mas não tive coragem, e tinha muito calor na cara quando entrámos na sala de jantar. A Sr.^a Curtoplaca mandou-me sentar entre a Leontina e a Bertina, que também eram, disse-me a Maria Edviges, as suas duas melhores amigas.

A Sr.^a Curtoplaca pôs-nos chapéus na cabeça; o meu era um chapéu pontiagudo, de palhaço, que se segurava com um elástico.

As raparigas riram-se todas quando me viram, e eu ainda tive mais calor na cara e a minha gravata apertava-me bestialmente.





O lanche não estava mal: havia pequenos biscoitos, chocolate, e trouxeram um bolo com velas e a Maria Edvigés soprou-as e elas todas bateram palmas. Eu, é engraçado, não tinha fome. No entanto, a não ser o pequeno-almoço, o almoço e o jantar, é o lanche o que eu prefiro. Quase tanto como as sandes que se comem durante o recreio.

As raparigas, essas comiam bem e passavam o tempo a falar todas ao mesmo tempo; riam-se e fingiam dar bolo às bonecas.

E depois a Sr.^a Curta-placa disse que íamos passar à sala de estar; eu fui-me sentar no cadeirão do canto.

Depois a Maria Edvigés, no meio da sala, com os braços atrás das costas, recitou uma coisa que falava de passarinhos. Quando acabou, batemos todos palmas e a Sr.^a Curta-placa perguntou se alguém mais queria fazer qualquer coisa, recitar, dançar ou cantar.

— O Nicolau, talvez! — sugeriu a Sr.^a Curta-placa. — Um rapazinho assim tão gentil, de certeza que conhece qualquer coisa para recitar.

Eu cá tinha uma enorme bola na garganta e fiz que não com a cabeça e elas riram-se todas, pois eu devia estar com ar de palhaço com o meu chapéu pontiagudo. Então, a Bertina deu a boneca a guardar à Leocádia e pôs-se ao piano para tocar qualquer coisa deitando a língua de fora, mas esqueceu-se do fim e começou a chorar. Então, a Sr.^a Curta-placa levantou-se, disse que estava muito bem, deu um beijo à Bertina, pediu-nos para aplaudirmos e elas todas bateram palmas. E depois a Maria Edvigés pôs todos os presentes no meio do tapete e as raparigas começaram a dar gritinhos e risadas e, no entanto, não havia um só verdadeiro brinquedo no monte: a minha cozinha, uma outra cozinha maior, uma máquina de coser, vestidos de bonecas, um pequeno armário e um ferro de engomar.

— Porque é que tu não vais brincar com as tuas amiguinhas? — perguntou-me a Sr.^a Curta-placa.

Eu olhei para ela sem dizer nada. Então, a Sr.^a Curta-placa bateu palmas e

gritou:

— Sei o que vamos fazer! Uma roda! Eu vou tocar piano e vocês vão dançar!



Eu não queria ir, mas a Sr.^a Curtaplaca agarrou-me pelo braço, tive de dar a mão à Blandina e à Eudóxia, pusemo-nos em roda. Enquanto a Sr.^a Curtaplaca tocava a sua canção ao piano, nós pusemo-nos a andar à volta. Eu pensei que, se os meus amigos me vissem, teria de mudar de escola.

E depois tocaram à porta. Era a minha mãe que me vinha buscar, eu estava bestialmente contente de a ver.

— O Nicolau é muito querido — disse a Sr.^a Curtaplaca à minha mãe. — Nunca vi um rapazinho assim tão ajuizado. Talvez seja um bocado tímido, mas de todos os meus pequenos convidados é o mais bem-educado!

A minha mãe ficou com um ar um pouco espantado. Em casa, sentei-me num cadeirão, sem dizer nada, e quando o meu pai chegou, olhou para mim e perguntou à minha mãe o que é que eu tinha.

— O que acontece é que estou muito orgulhosa dele — disse a minha mãe. — Foi aos anos da pequena vizinha, era o único rapaz convidado, e a senhora Curtaplaca disse-me que era o mais bem-educado!

O meu pai esfregou o queixo, tirou-me o chapéu pontiagudo, passou a mão pelos meus cabelos, limpou a brilhantina da mão ao lenço e perguntou-me se eu me tinha divertido muito. Então, eu comecei a chorar.

O meu pai riu-se e, nessa mesma noite, levou-me a ver um filme cheio de *cowboys* que andavam à pancada e davam montes de tiros de revólver.

